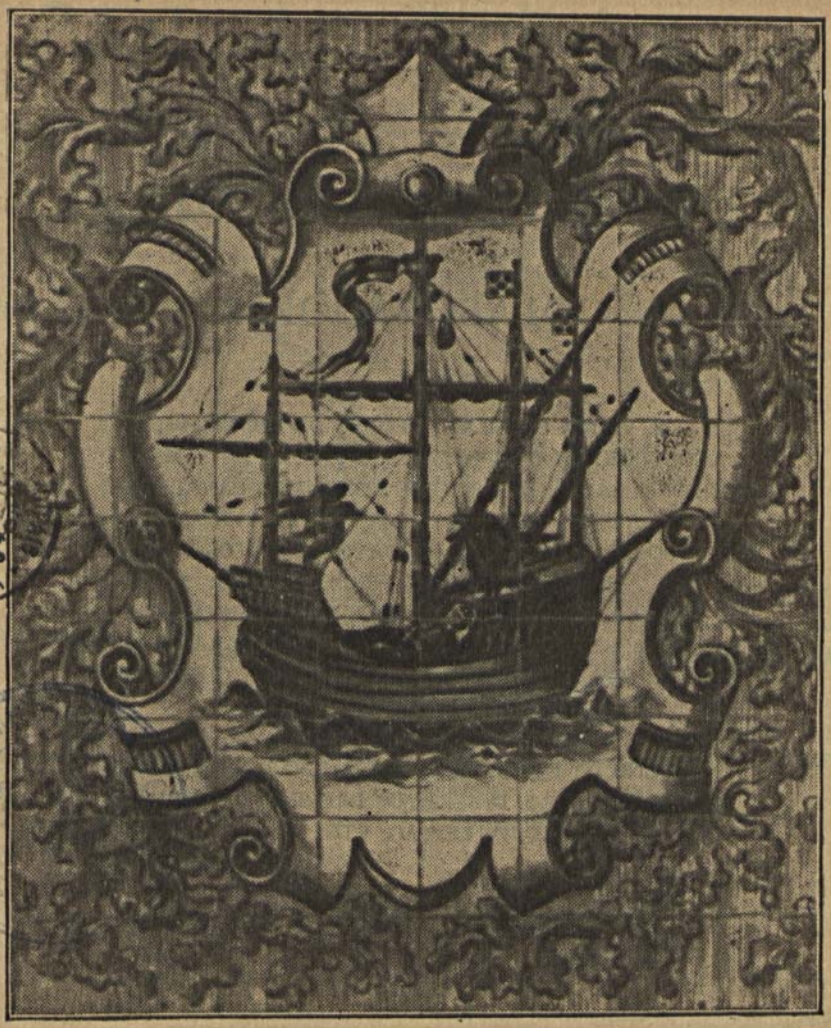
17/6/1937



BIBLIOTECA DE LISBOA

Anaís das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais

LISBOA
—
1936

Revista Trimestral
Director
Joaquim Leitão

N.º 21
Outubro a
Dezembro

COLABORADORES

A. VIEIRA DA SILVA, AFONSO DE DORNELAS,
AGOSTINHO DE CAMPOS, ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO,
ANTÓNIO BAIÃO, Dr. ANTÓNIO RODRIGUES CAVALHEIRO,
ARTUR DA MOTA ALVES, COSTA VEIGA,
FIDELINO DE FIGUEIREDO, GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA,
HENRIQUE CAMPOS FERREIRA LIMA,
JOÃO DA SILVA CORREIA, JUAN TENA FERNANDEZ,
JÚLIO DANTAS, JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS, LARANJO COELHO,
LUÍS DE FREITAS BRANCO, LUÍS DA CUNHA GONÇALVES,
LUÍS DE MACEDO, LUÍS CHAVES,
Prof. MOSÉS BENSABAT AMZALAK,
QUIRINO DA FONSECA, Dr. REINALDO DOS SANTOS,
SAMPAYO RIBEIRO, Dr. SEMTOB DREIBLATT SEQUERRA,
JOAQUIM LEITÃO, ETC., ETC.

Oferta
-0. NOV. 1998

Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais

ANO VI | LISBOA — OUTUBRO A DEZEMBRO DE 1936 | N.º 21

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Tomada de Lisboa

Discurso que o eminente arqueologo e historiógrafo Ex.mo Sr. Comandante Quirino da Fonseca pronunciou na sessão solene comemorativa da Tomada de Lisboa, em 25 de Outubro de 1936.

Ex.mo Sr. Presidente da República.
Ex.mos Srs. Ministros e seus representantes.
Ex.mos Srs. Presidente e Vogais da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa.

Minhas Senhoras
e Meus Senhores

Os Munícipes desta nossa formosa Capital, comemoram hoje a data soleníssima de ter sido Lisboa conquistada às bárbaras hordas sarracenas que a senhoreavam há oito séculos, ao tempo em que também o conquistador D. Afonso Henriques, batalhava denodadamente para constituir a nacionalidade portuguesa.

Escreveu o nosso épico:

¿Que cidade tão forte, porventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pôde resistir à força dura
Da gente cuja fama tanto voa?

Muito judiciosamente, com aplauso decerto unânime, resolveu a actual Comissão Administrativa do Municipio de Lisboa, no ano transacto de 1935, em que, pela vez primeira, se efectuou esta patriótica comemoração, estabelecer que o dia de gala para a cidade, fôsse o dia 25 de Outubro, dia em que ela fôra conquistada para Capital e Metro-

politana da Nação Portuguesa, depois de cinco malogradas tentativas de tomadia em ocasiões várias — conquista alcançada com o decisivo assédio que se prolongou por cento e dezanove dias de quási constante pelejar, desde 28 de junho, a 25 de outubro de 1147.

Hoje, para maior regosijo de todos os munícipes, ligou-se a esta comemoração, a homenagem que a cidade de Lisboa, por sua vez, e pelas ilustres pessoas dos seus dedicados administradores, prestou aos grandes portugueses, Suas Excelências, o Sr. Presidente da República, General Oscar Carmona, e Presidente do Govêrno, Sr. Dr. Oliveira Salazar, inaugurando nos Paços Municipais, os seus bustos, que distintos artistas talharam no bronze indelével, e que merecidamente aqui ficarão a assinalar esta era luminosa de ressurgimento moral e material, que a êles especialmente deve a Nação, agora animada por um novo e auspicioso despertar de energias.

Outras homenagens se realizaram ou se realizarão, a prestantíssimos servidores da Cidade, sob vários aspectos, ou seja o espiritual, ou o de aplicação ao serviço municipal, nos quais sobresaem, entre os vivos, o sábio de renome mundial Dr. Leite de Vasconcelos, o célebre e humanitário químico francês, Coronel Bunau-Varila e o zeloso animador dos Serviços Culturais do Município, o distinto académico Sr. Joaquim Leitão. Entre aqueles a quem a morte já arrebatou, não poderam esquecer, o antigo e dedicado Presidente dêste Município, Rosa Araujo, o corajoso fundador da Cidade Nova, o insigne cronista Olissiponense, Júlio de Castilho, e o eminente artista Roque Gameiro.

Emfim. Áparte a nota saudosa, mas justiceira, destas últimas homenagens, esta casa está em festa, e, embora vá distante a estação florida, poderiamos dizer, como a própria Cidade de Lisboa, na *Nau de Amores*, de Gil Vicente, (baixel, que, como marinheiro, não se me daria de superintender ou austeramente disciplinar).

Exclama a cidade, naquele passo:

... Eu quizera,
Porque esta verdade vos aparecera,
Que tão lindas flôres vieram em Maio,
Que então minhas festas pozessem desmaio
A quem já viu festas em Reinos maiores,
E tais festas fizera...

Para evocar patriòticamente, esta data de 25 de Outubro, data primacial, não só das festas Ulissiponenses, mas também das gloriosas efemérides nacionais, vejo congregadas neste salão nobre, do Município de Lisboa, junto dos seus ilustres e zelosíssimos edis, como legítimos representantes da Cidade, as mais gradas e respeitáveis individualidades, a pár de outros muitos cidadãos aqui presentes, forçosamente devotados «amigos de Lisboa», titulo que a todos nós en-

laça, nesta hora de confraternização jubilosa.

Também êsse título, singelo mas estimável, de — Amigos de Lisboa — será o único que poderei invocar, ao debater-me agora com a gravosa responsabilidade do encargo melindrosíssimo, se bem que honroso, de pronunciar algumas palavras alusivas ao facto que hoje se comemora, e perante auditório tão selecto, necessáriamente exigente em dotes de elocução que não saberá usar um modesto profissional do mar, como apenas sou, e de quando em quando, por desafôgo de espírito, um superficial e inesperto cronista dos casos mínimos das tradições marítimas dos portugueses, algumas participando da história citadina.

Para vós, apelo—«nobre Lisboa, — «que no mundo, fàcilmente das outras és Princesa» — tal como te exaltava o famoso épico! Socorrei-me, pois, nesta aventurosa derrota.

Recordai a emoção de enamorado, com que vos revia outrora, ao demandar o Tejo, após as minhas longas viagens ou longos serviços coloniais; com que sofreguidão, os meus olhos torvados de saudade, se embebiam no deslumbrante assômo das vossas colinas matizadas de casaria nitente, onde prescrutavam algum edifício que bem conhecera ou mais estimara!

Quanto anseio de me recrear na contemplação das vossas encostas verdejantes, matizadas de tons alacres, como alfobres de jardim maravilhoso que o próprio Hercules teria preferido ao das Hespérides! Visões miríficas e impressionantes, de logares predilectos que se me tornaram familiares, cujas visões me transportavam enternecidamente ao passado, avivando lances que vivera com sobresalto ou aprazimento!

Por mais belas que fôssem as terras percorridas em todo o mundo, nenhuma me parecia suplantar os primores com que a natureza vos dotou esplendorosamente, principescamente, como vos era devido.

Longe de vós e saudoso de vos rever, é que reconhecia o poder dos vossos atractivos incomparáveis, que no decorrer de séculos, sempre enlevaram e tiveram artes para reter desvairadas gentes, tanto bárbaras como cristãs.

Os estetas, de ambições inquietas e rigoristas, àcêrca da Cidade, talvez mais teóricos que práticos, lançarão estas minhas palavras encomiásticas, à conta de exageros fantasiosos, até me replicando com o lirismo de Byran:

What beauties doth Lisboa first unfold!...
.... Shaming far, celestial scenas to be.

Isto é:

«Que belezas não ostenta Lisboa, ao
primeiro relance do olhar!...
Vista de longe, parece celestial....»

Mas, aqueles estetas ferrenhos, acrescentarão logo:

— «Vista de perto, é diferente.»—

Pois se, até o famoso Francisco de Olanda, amigo do ingente Miguel Angelo, artista nado, criado e amimado em Lisboa, escreveu uma obra sôbre as dificiências da Cidade!...

— «Da fábrica que falece à cidade de Lisboa» —

Pelo menos, quatro defeitos lhe não perdoa, nos termos seguintes:

— Ora se Lisboa tem a presunção da maior e mais nobre cidade do mundo, como não tem o mais excelente templo ou Sé, do Mundo?... Como não tem o melhor castelo e fortaleza e muros do Mundo?... Como não tem os milhores Paços do Mundo?... E finalmente, como não tem água para beber a gente do Mundo?» — Isto foi escrito em 1571.

Ora, os que muito prezem alguem ou alguma cousa, quanto mais de perto, mais beleza lhes reconhecem, tal como sucede pelo menos, aos marinheiros, embora familiarizados com as Maravilhas do Universo, e àcêrca da sua Terra, da sua Pátria, ou dos seus amores.

Emfim, Lisboa! Se êste sentir a vosso respeito, pode recomendar que me patrocineis na viagem de agora, a empreender por amor de vós, e que tão dificultosa julgo, ousarei dizer-vos, como o Poeta:

Por caminho tão árdao, longe e vário,
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrário,
Que, se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu batel se alague cedo.

¿Mas, que poderei eu referir-vos, àcêrca de uma façanha de tão poderosa envergadura e que já tem ocupado sagacíssimos espíritos, profundos eruditos, notáveis autoridades em investigações históricas e nas ciências militares, por vezes escutadas as suas palavras doutas e conceituosas, neste mesmo recinto, e por muitos de vós?..

São bem conhecidas e tem sido minuciosamente comentadas, as fontes históricas de tal acontecimento, para que me seja possível aduzir algum elemento novo, palpitante e expressivo, que vos interesse.

Herculano apontou quinze dessas fontes clássicas, já esquadrinhadas nos recessos das equívocas interpretações, por sucessivos investigadores, sem que me deixassem ensanchas para figurar entre vós, de pesquizador mais arguto, porfioso ou afortunado.

Além disso, a actual Comissão Administrativa do Município de Lisboa, deliberou louvàvelmente, quando se fez idêntica comemoração no ano transacto, divulgar, numa edição excelente, o mais importante e pormenorizado dêsses

monumentos, em texto latino — A narrativa do Cruzado Osberno — acompanhada da magistral tradução portuguesa, devida ao ilustre humanista, o Sr. Dr. José Augusto de Oliveira.

Nenhumas palavras conseguiriam recomendar melhor, a vulgarização daquele precioso e secular testemunho sôbre a tomada de Lisboa que solenizamos agora, do que as dêsse eminente professor. Escreveu êle:

— «... Fará bem aos portugueses de hoje, ouvir falar a alma dos que, à fôrça de braço, com presistência, com teimosia, com abstinação e com amor, souberam ungir com o próprio sangue, os alicerces desta nossa Pátria que êles nos deixaram, para a conservarmos amorosamente digna, honrada e livre».

Herculano e Castilho, transmitiram-nos, sôbre êsse feito, quadros inesquecíveis, admiráveis em realismo, colorido, emoção e sentimento patriótico.

Todos vós os lêstes e conheceis.

Caso agora tentasse reproduzi-los, iria amesquinhar-lhes as proporções; corromper a gravidade ou sedução da sua linguagem modelar; ofender-lhes a beleza descritiva; reduzir-lhes a equilibrada perspectiva; destruir-lhes a contestura primorosa.

Assim, volvo para o mar, onde mais desassombradamente me situarei, limitando-me, portanto, a expor-vos alguns singelos comentários do acontecimento, sob o ponto de vista marítimo, e atendendo especialmente, a que, essa conquista de Lisboa, visava também à do mais grandioso pôrto de mar que se patenteia nas plagas ocidentais do Continente Europeu.

Isto faria com que o Cruzado Osberno, escrevesse: — «Celum, terras, maria, distinguit a terris» — Isto é: — «Lisboa separa do Mundo, o Céu, as Terras e os Mares.» — Ou, como o poeta mais conceituosamente disse: — «Onde a Terra acaba, e o Mar começa.» —

Ora, nenhum outro território, na Europa, desde remotas eras, terá sido mais convulsionado por invasões, embate de fações, pugnas de estados adversos, razias de conquistadores ou sortidas de piratas nórdicos, do que a Península Ibérica, por motivo da sua especial situação na extremidade Ocidental do Continente Europeu, em face do Atlântico, junto à facil passagem do Mediterrâneo para o vasto Oceano, e à beira de outro grande continente a polular de gente bravia e errática.

A benignidade do clima peninsular e os proveitos do sólo já melhorado e enriquecido pelo trabalho humano desde recuados tempos, não menos seria atraimento para as tribus nomadas, vindas de regiões mais inhóspitas ou invias, quer do Norte, quer do Sul.

Todavia, pelo que respeita ao território onde, há oito séculos, ha-

via de situar-se Portugal, êle rasgava-se e oferecia-se para o mar, num amplíssimo pôrto, cavado por um rio caudaloso, que, mesmo a dentro das suas margens altaneiras, se dilatava como um outro pélago.

Esta notável característica geográfica, iria influir na índole e na função histórica do Povo Português, assim como em parte, condicionara as emigrações colonizadoras ou invasões devastadoras, de fenícios, cartagineses, gregos, romanos, vândalos e berberes.

Ao tempo do assédio que decidira a tomada de Lisboa, a cidade moura era já como que um requintado produto do mar que vinha rojar-se-lhe aos pés, para a servir, engrandecer, e também depravar, como depois veremos.

Refere o Cruzado Osberno, que depois da conquista de Santarém pelas hostes de D. Afonso Henriques, quando os seus moradores vieram acolher-se a Lisboa, esta cidade compreendia cento e cinqüenta e quatro mil habitantes, além de mulheres e crianças, mas que, por ocasião do assédio, ainda tinha setenta mil homens, quinze mil dos quais dispunham de armadura com lança e escudo, e que só no arrabalde contíguo às muralhas, habitavam quinze mil famílias.

Por exagerados que sejam êstes números, também citados por Herculano, exagêro compreensível por parte de um combatente que procuraria fantasiar um maior número de adversários, certo é que, decorridos cêrca de quatro meses de rigoroso sítio, e já dizimada a população, pelos combates, privações e doenças, os sobreviventes, ao evacuarem a cidade, levaram cinco dias a desfilar pelas três portas da cêrca, destinadas para aquêle êxodo, que aliás, se faria com prestesa semelhável a fuga donde os vencidos eram escorraçados inexoràvelmente.

No dizer das testemunhas de então, tudo se congregava em prestígio da cidade, que já era considerada pelos viajados aventureiros que participaram na conquista: — «O mais opulento centro comercial de tôda a África e de uma grande parte da Europa» — conforme suas próprias expressões.

Os terrenos adjacentes à cidade, fôram comparados aos melhores, em fertilidade, dizendo Osberno: — «Até nas praças vicejam pastos»! — maravilha que, aliás, ainda no meu tempo se podia admirar.

Não resistirei a citar algumas outras impressões pessoais dêste remoto e curioso observador.

Infinidade, viu êle, de oliveiras, vinhedos, romãseiras e limoeiros. Tão abundosos eram os figos, que o cronista assinalou, ter sido impossível aos vinte cinco ou trinta mil sitiantes, consumi-los todos. Bastecida era a terra de ouro, prata, sal, mel, e tão piscosas eram as águas do Tejo, que nos diz,

acreditarem os habitantes (êle não, de certo, nem eu) que dois terços da corrente fluvial eram de água, e outro terço era de peixe. As ribas, tão copiosas se mostravam de marisco, como de areia. Famosas eram as suas águas termais, pelo menos já exploradas em benefício de enfermos, desde a colonização romana. Tão salutíferos e benignos se julgavam os seus ares, que, ouvindo-se alguem tossir por achaque, logo se dizia que era forasteiro.

Desculpemos ao rude batalhador, vindo de país nórdico e agreste, algumas das suas visões meridionais, quási alucinantes, a par de muitos pormenores de verificada exactidão, que investigadores meticulosos não regeitam.

De visão realista, é êle quando escreve, maravilhado, acêrca da cidade: — «Mirabili structura, tam murorum, quam turrium super montem, humanis viribus insuperabilis». —

Mas os atractivos dêsse empório mercantil, populoso, movimentado e bem provido, tão acessível por mar e pelas vias terrestres que dêle irradiavam, chamaram-lhe a concorrência da gente mais depravada do Mundo, que nenhuma religião professava e nenhuma moral continha. Cada qual, ditava a lei a si próprio, e, na bela cidade, polulavam os mais asquerosos vícios e as paixões mais licenciosas.

Tal era a corrupção a que pôs têrmo a conquista que comemoramos, e esta circunstância bastaria para seu louvor.

Ora, se o mar contribuíra para aquêle malefício, o mar também especialmente veiu a rehabilitar a cidade contaminada, tornando a, ainda mais formosa, mais requestada, e bem quista, pela cordealidade acolhedora da sua população. Ora, foi por mar, que vieram os cruzados estrangeiros que auxiliaram D. Afonso Henriques, na conquista de Lisboa.

Êles faziam parte da expedição, constituindo a 2.ª Cruzada para combater os Turcos, que pouco antes, haviam destruido Edessa, expedição organizada pelos Reis, de França, Luiz VII, e da Germânia, Conrado III, movidas pelas exortações piedosas e eloquentíssimas, de S. Bernardo.

Compunha-se de gente aguerrida, bravia, cêrca de treze mil aventureiros mais ou menos cristãos pelos costumes ou pelas crenças, dizendo-se inflamados nelas, embora nativos de regiões frígidas, recrutados em países do norte, incluindo-se alemãis, flandeses, colonenses, inglêses e normandos.

Êstes últimos, verdadeiros piratas, segundo o testemunho de cronistas contemporâneos, eram capitaniados por dois irmãos, Guilherme Vitúlo e Redolfo Vitúlo, que se diriam gémeos na péssima catadura e na temerosa fama.

Detenho-me sôbre tais personagens, embora tôrvos, os irmãos

Vitúlos, porque esta palavra, na linguagem medieval, significava *marítimo* ou *pirata*, que, segundo parece, eram funções equivalentes por êsse tempo, entre normandos, e assim sucedeu noutras épocas e com outras gentes.

Era uma multidão desordenada, indómita, heterogénea pelas nacionalidades, costumes e línguas.

Poderão supôr-se as dificuldades em que se encontrou o jovem, mas resoluto D. Afonso Henriques, então com pouco mais de trinta anos, para reprimir os arbitrários propósitos e assanhados ímpetos dêsses auxiliares ocasionais, e especialmente da alcatéia dos irmãos Vitúlo.

Os Cruzados haviam-se transportado em numerosas *barcas* ou *cokas teutónicas*, estas últimas, embarcações mais rotundas, e que já são citadas por Vinisauf, em *Richardi Regis Iter Hyero-solinitanun*, a propósito dos navios da primeira Cruzada, conforme diz: — «...ecce quinquaginta naves, quas vulgo *Coggas* dicunt».

As *barcas*, *barges* ou *Cckas* dêsse tempo, eram do porte de cem tonéis pròximamente, ou pouco mais de cem toneladas da medida actual, e aparelhavam com um ou dois mastros, mais raramente com três, como as *barques*, então usadas pelos franceses, nas longas navegações.

Segundo o depoimento do Cruzado Osberno, eram cento e sessenta e quatro os navios, que tinham aportado a Lisboa, pelo que embarcariam em cada um, cêrca de cem pessoas, incluindo a marinhagem, visto que a totalidade dos expedicionários se computou, em treze a quinze mil, lotação essa, que é admissível.

Os cronistas Sigeberto, Arnulfo, e Nicolau Roselli, cada um por sua vez, dizem ser duzentos os navios, e o *Indiculum fundationis Monasterü Santi Vicenti*, que mais nos diz respeito, refere-se a cento e noventa *barcas*.

Certo é, que, no pôrto de Lisboa, enfrentando as muralhas da cêrca moura, fundeou essa numerosa armada, cuja vista para os sitiados, seria impressionante.

Desde 1125, em que D. Afonso Henriques, ainda juvenil, se armara cavaleiro, em Zamora, a sua existência, foi uma trepidante e contínua epopeia bélica.

Nela sobresaem os lances da Batalha de S. Mamede, contra as facções de D. Tereza, sua mãi, a Batalha de Val de Vez, vencendo as hostes de seu primo, D. Afonso VII, Imperador de Lião e Castela, a jornada de Ourique, em que destroçou as hordas sarracenas, as investidas dos lugares fortes de Tomar, Leiria, Trancoso, Santarém, e por último, de Lisboa, em 1147. Foi um batalhar de vinte cinco anos, até à conquista desta cidade, campanha extrenua, ainda prolongada mas trinta e oito anos,

até à data do seu falecimento, em 1185.

Como é digna de admiração, esta obra ingente do fundador da nacionalidade portuguesa, obra também civilizadora e cristã!...

Nessa primeira fase de ser disputado, ora aos Lioneses, ora aos Sarracenos, o território nacional, tôda a acção guerreira era terrestre, impetuosa e celere, não havendo ensejo para utilizar o mar, ao qual ainda nos não prenderamos irresistìvelmente, sob a hegemonia de Lisboa.

Por isso, eram então insignificantes, os elementos navais que o o Rei português utilizara na conquista desta cidade, se bem que já haja referência a *navigios* e *fustam*, ou ligeiras embarcações de remos, sendo os *alcaides* e outros graduados tripulantes dêsses barcos, distinguidos com o fôro de cavaleiros (honraria que só alcancei em primeiro tenente da Armada), o que não sucederia a êles, se os ditos barcos fôssem raros e de insignificante préstimo.

Mas, regressando ao assédio e conquista, que se comemoram, ¿) como findou aquela 2.ª Cruzada, cujos navios se detiveram no pôrto de Lisboa, mais de quatro meses?

Muitos dos seus componentes, ficaram por cá, aprazidos da terra, e contentados por D. Afonso Henriques, que estimava engrandecer a população cristã, na qual recrutaria os seus guerreiros, para os subseqüentes prélios com a Moirama.

Isso deu origem às povoações de Vila Franca (depois chamada Azambuja) Lourinhã, Atouguia, e outras.

A restante expedição, assim desfalcada, foi-se desmembrando no seguimento da viagem, sem chegar ao Turco, assim falhando às exortações de S. Bernardo.

Os irmãos Vitúlos, com a sua horda, e para os quais, todo o Mundo era Turco, deveriam ter continuado no mar, a exercer depredações.

Os próprios Estados cristãos, estabelecidos na Península, já tinham esperimentado, de quando em quando, desde o século IX da nossa Era, a sanha rapinante de normandos desta qualidade, mas ainda não imbuidos precipitadamente em fé religiosa, sob a aura de um Santo persuasivo.

E agora, que, para vos libertar dêste enfado de me escutardes, liquidei os Cruzados da 2.ª Expedição Cristianizante (colaboradores acidentais dos remotíssimos antepassados portugueses, na tomadia de Lisboa) é tempo de findar a minha arrastada prelenga.

Certo não vos encontrais aqui, pelo interêsse de me ouvirdes, ou por injustificada condescendência para com o orador de tal pouquidade que vos destinaram.

Saberieis que nas minhas palavras desornadas, apenas havia de

transparecer um leve rasto da evocação patriótica que a data de hoje nos sugere.

Mas, prestes a diluir-se no esquecimeto que merece, a minha voz que só viveu o instante da vossa passageira atenção, resta imarcessível, vibrante e dominador, o sentimento de elevado patriotismo que aqui vos trouxe e a todos nos irmana, pelo culto a oito séculos de tradições memoráveis, abrangendo todo o mundo, ao serviço da civilização, da justiça e da humanidade, tradições que não queremos perder e temos direito a continuar, para honra e glória de Portugal.

Tenho dito.

QUIRINO DA FONSECA

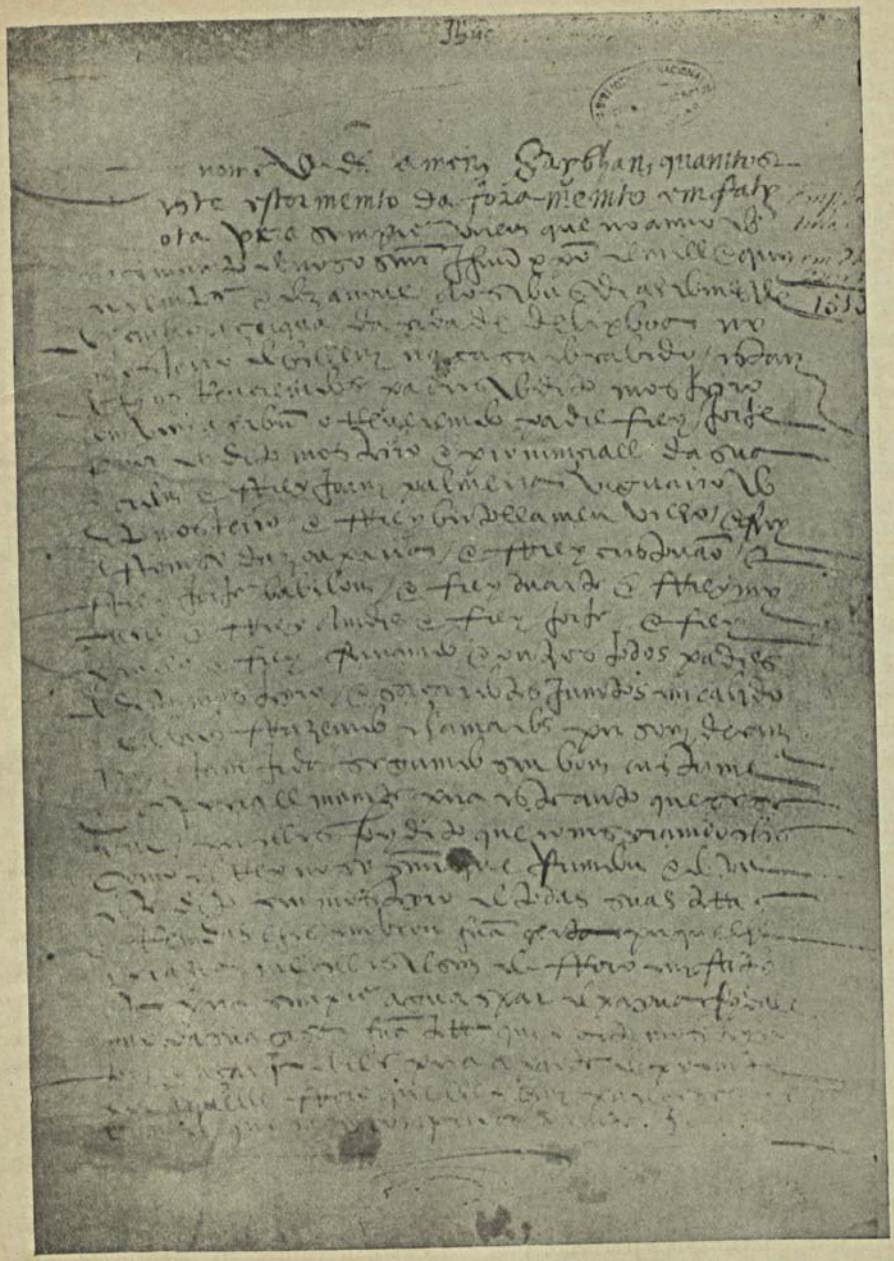
Aforamenfo feito pelo Mosteiro de Belém, da Cidade de Lisboa, em 1519

Este documento, escrito em quatro fôlhas de pergaminho, encontra-se na Secção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sob o n.º 1-32-36-20 e foi transcrito, com a sua meticulosidade peculiar, pelo Ex.mo Sr. Dr. Artur da Mota Alves.

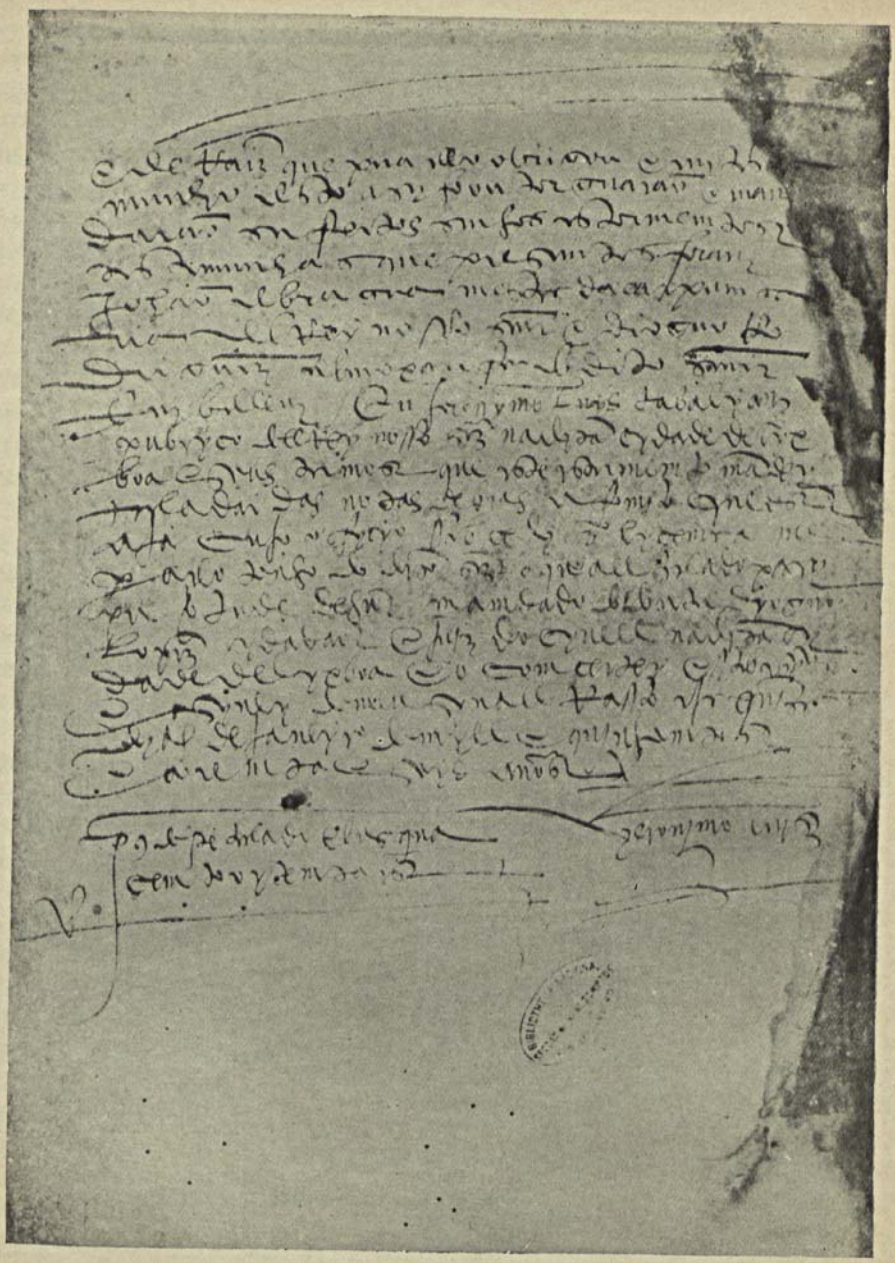
JHUS

Em nome de Ds amem Saybham quamtos este estormemto daforamento emfatyota pera sempre virem que no anno do naçimemto de noso sñor Jhus xpõ de mill e quynhemtos e dezanaue aos dous dias do mes de dezembro a çerqua da cidade de lixboa no mosteiro de bellem na casa do cabido estamdo hy os Reueremdos padres do dito mosteiro comvem a saber o Reuerendo padre frey Jorge prior do dito mosteiro e prouimçiall da sua hordem e frey Joam palmeira viguairo do dito mosteiro e frey bertollameu velho e frey afomso dazoupaua e frey cristouão e frey Jorje babilom e frey duarte e frey miguell e frey amdre e frey Jorge e frey paullo e frey fernamdo e outros todos padres do dito mosteiro e saçardotes Jumtos em cabido o cabido fazemdo chamados per som de campa tamJida segumdo seu bom costume e espeçiallmente pera este auto que se segue per elles foy dito que comsyrando eles como el Rey noso sñor que fumdou e dotou este dito seu mosteyro de todas suas teRas e Remdas lhes emviou huã carta perque lhe aprazia que elles desem de foro emfatyota pera sempre a guaspar de payva fydallgoo da sua casa hũa teRa que o dito mosteyro tem e a çerqa delle pera a parte do poemte per aquelle foro que lhes bem pareçese segumdo que maís compridamente he comteudo na carta de sua alteza que lhes sobre ello Imviou a quall lloguo hy mostrarão escrita em papell sobsynada pollo dito sñor vista por dom amtonio cuJo teor de verbo a verbo he este seguimte / padre prouimçiall e frades do mosteyro de nosa sñra de bellẽ nos el Rey vos envia-

mos muyto saudar Vimos a carta que nos Jmviastes em Reposta da que vos escreuemos sobre o pedaço de teRa que hy Junto pedia guaspar de paiua pera fazer casas e pumar em que dizeis que a teRa que pede lleua doze allqueyres de pão em semeadura e que he custume paguar tamto de Remda quamto lleua de semeadura e que por se llaurar aa folha vem por ano seis allqueyres e que vos pareçe que lhe deue ser dada por ser pesoa de que esa casa Reçebera sempre esmolla e asy por não fazer noJo nhũ a casa nem lhe trazer perJuizo e que tudo vistes com ho escriuam das obras e llauradores e visto todo nos avemos por bem que se ella he dese mosteyro que lhe seJa aforada Imfatyota por o que vos a todos bem parecer por que todo o niso fizerdes nos ho averemos em prazer e vollo aguardeçeremos e mandailhe diso fazer carta daforamento Imfatyota pera sempre fazemdo as ditas casas e pomar e o que mais ouuer por bem escryta em evora a çimquo de nouembro amdre piž a fez de mill e quinhemtos e dezanoue Rey — E mostrada asy a dita carta diseram eles padres que vemdo elles a vomtade do dito sñor e comsyrando ser Isto bem e proueito do dito mosteyro e por esta dita teRa estar aRedada do çerquo delle em maneira que pera ella nam se pode fazer noJo nem dano ao dito mosteyro que porem elles por este pubriquo estormemto haforauão como lloguo de feito aforarão ao dito guaspar de paiua que a esto presemte estaua a dita teRa que Jaaz acerqua do dito mosteyro comtra a parte do poemte como dito he e he defromte do paço do Restello e lleua de semeadura doze allqueires pouquo mais ou menos e parte do lleuamte com teRa daluaro dias e do poemte com teRa de dioguo llobo e do norte com teRa do dito mosteyro e do sull chegua ate go sallgado ou ate homde pertemçer de direito ao dito mosteiro segumdo de direito dever de partir a quall teRa lhe asy aforaram com todas suas emtradas e saidas e direitos e pertemças e seruemtias e llogradouros asy e polla guisa que ao dito mosteyro de direito pertemce e esto emfatyota pera sempre pera ho dito guaspar de paiua e pera todos seus erdeiros e suçesores que depois delle vierem com comdiçam que da feitura deste comtrato ate tres anos primeiros seguimtes faça na dita teRa casas e pumar e quaisquer outras bemfeitorias que quiser e que de hy ẽ diamte elle e seus suçesores que pollos tempos a dita soçederem seJão obriguados de mamterem sempre as ditas casas e pumar e bemfeitorias halleuantadas e todo seJa bem coRegydo e aprouueytado milhorado e não peJorado e posto que as dytas casas pereção per foguo ou aguoa ou teRamotos e por outro algũ caso fortoyto ou não fortoyto que lhe avir posa que lloguo as alleuamtem e Refação de



Primeira página da escritura de aforamento feita em 1519 pelo Mosteiro de Belém, de Lisboa
(Reprodução do Dr. Mota Alves)



Última página da escritura de aforamento feita em 1519 pelo Mosteiro de Belém, de Lisboa
(Reprodução do Dr. Mota Alves)

nouo quamtas vezes tall caso acomteçer de guisa que pera sempre permaneção bem aproueitadas e que lhe dem e paguẽ de foro e pemsão da dita teRa em cada hũ ano dozemtos Rs. da moeda ora coRemte e mais hũa gualinha boa e Recebomda paguo todo demtro no dito mosteyro em paaz e em saluo por natall e farão a primeira pagua por natall deste que hora vem a hũu ano que sera em começo do anno de quinhentos e vinte e hũ e asy de hy em diamte ẽ quada hũ anno pollo dito dia pera sempre e em comdição que o dito guaspar de payva e seus suçesores não posão espedaçar nem Repartir nem troquar nem escambar nem per outro modo ẽlhear a dita teRa nem bemfeitorias que nella forem feitas com pessoa allgũa saluo se a quiserem vemder que emtão o farão primeiro saber ao dito senhorio se a quer tamto por tamto que a aJaa e nom a queremdo que emtão a posão vemder e asy a poderão dar dar (sic) e doar todo esto com seus ẽcarguos e a tall pesoa que não seJa das defesas em direito mas seJa tall que bem posa todo aproueitar e paguar e comprir como neste estormento he comteudo e daquillo porque for vemdydo avera ho dito mosteyro sua quoremtena obriguamdo elles padres a dita teRa e todos outros bẽis do dito mosteyro avidos e por aver de mamterem asy este comtrato ao dito guaspar de paiua e a seus suçesores pera sempre como nelle he comteudo e lhe liurarẽ e defemderem e fazerem boa a dita teRa em todo tempo de quem quer que lhe sobre ella allgum ẽbarguo poser sob pena de lhe paguarem todas bemfeitorias e custas e perdas e danos que por ello fizerem e Reçeberem e com çem Rs. de pena por cada hũu dia e o dyto guaspar de paiua ẽ seu nome e de seus suçesores tomou e açeitou ẽ sy ha dita teRa daforamemto pollo dito foro imfatiota pera sempre com todallas clausollas e comdiçõis sobreditas e se obryguou delle e seus suçesores todo asy comprirem e mamterem e aproueitarem e paguarem pollo modo que dito he sob outra tamta pena de çem Rs. per dia e custas e perdas e danos per sy e todcs seus bẽis e hos de seus suçesores moueis e de Raiẑ que pera ello obrigou e em testemunho disto asy ho outorguarão e mamdarão ser feitos seuhos (sic) estormemtos testemunhas que presemtes foram Johão de bragua, mestre da carpemtaria del Rey nosso sñor e dioguo Rodriguez almoxarife do dito sñor em bellem. Eu Jeronymo Luys tabalyam pubryco del Rey nosso sõr na dyta cydade de lyxboa e seus termos que este estromemto mãdey tresladar das notas de bras afomso que ds. aJa cujo ofycyo sobcedy p.r lycemça que p.a elo tenho do dyto sõr o quall treslado pasey per vrtude de hũ mamdado do doutor dyoguo lopes cydadão e Juiz do cyuell na dyta cydade de lyxboa e o comcertey e

sobrescrevy e asiney do meu synall Razo oje quīze dyas de Janeyro de myll e quinhemtos e coremta e seys años.

Jeronymo Lujs.

Pg deste treslado e basqua cemto e oytemta rs.

NOTA: Nas costas dêste documento que comporta quatro fôlhas de pergaminho grosso, estão escritas as seguintes averbações:

Gav. 5-M. 1° n° 14. e estas outras que estão riscadas: 97108, saco 7 — Gav. 84 — Masso 3.

Há ainda as seguintes notas: Escritura de aforamento da... da quinta de gaspar de paiua q, paga de foro 200 rs. e hũa galinha.....

«Titulo antiguo da Quinta Velha q. hoje passue o Conde de S. Thiago. Hoje se chama a Quinta de S. Jorge pella terra q, se lhe anexou, e meteu de novo da Quinta q. fica da parte do Convento de S. Jose. Gav. 5ª. Maço 1° n° 14..

«He hua certidão ou Traslado estrahido do livro das Notas do Tab. Bras Affonso aos 15 de Janeiro de 1541.

DR. ARTUR DA MOTA ALVES.

Gama Barros

A 19 de Dezembro de 1936, foi inaugurada a lápida, que a Ex.ma Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa mandou colocar na casa n.º 3 da Rua Fernandes Tomaz onde viveu Henrique da Gama Barros. Na singela, justa e eloquente cerimónia o eminente académico e historiógrafo Ex.mo Prof. Dr. Queiroz Veloso pronunciou o discurso que aqui regista na íntegra.

Convidou-me a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa a usar da palavra, nesta homenagem a Henrique da Gama Barros. Era uma honra, que eu, modesto obreiro, mas grande apaixonado da História Portuguesa, não podia declinar.

O público, em geral, ignora a sua obra, e talvez desconheça até o seu nome; e, no entanto, Gama Barros foi, com Alexandre Herculano, um dos criadores dos modernos estudos históricos em Portugal. Nascido em Lisboa, a 23 de Agosto de 1833, tinha cinqüenta e dois anos, quando publicou o primeiro tomo da *História da Administração Pública em Portugal nos séculos* XII *a* XV. Aos sessenta e três anos apareceu o segundo; aos oitenta e um anos, o terceiro; e o último aos oitenta e nove anos, três anos antes do seu falecimento, em 29 de Agosto de 1925, como se não quizesse morrer, sem deixar completo o admirável monumento, por êle consagrado à nossa Idade Média.

A história, tantas vezes deturpada pelo abuso da generalidade e da síntese, não pode alar-se em vôos de fantasia, para dar maior

relêvo à dramatização dos factos. Será, por ventura, um belo trabalho literário, mas não a verdadeira história. Esta deve sempre basear-se no mais irrefragável material documentário; e o historiador, tanto na austera probidade das suas pesquizas, como no rigoroso escrúpulo das suas deduções, manterá a mais serena imparcialidade, não se deixando influir por sentimentos pessoais, nem preparando, calculadamente, premeditados efeitos e artificiosas ilações.

Gama Barros, por tendências do seu espírito, ou influência dos grandes mestres da historiografia francesa e alemã, assim considerava a história. A sua obra não se funda apenas no conhecimento pleno dos autores portugueses e estrangeiros, que versaram os mesmos assuntos. O meditado estudo dos abundantes documentos arquivados na Tôrre do Tombo, longos anos percorridos com singular poder de análise, aliado a um seguro processo construtivo, é que dá às suas conclusões indiscutível solidez. Se lhe aparecia dúvida ou problema insolúvel, antes os pantenteava e discutia, do que procurava encobri-los com habilidosas interpretações.

Sem esta erudita história das nossas instituïções medievais, cujas orígens o autor vai freqüentemente buscar às épocas leonêsa e visigótica e até à época romana, não conheceriamos ainda, em todos os seus aspectos, a sociedade portuguesa dos séculos XII a XV. Na singela Prefação que abre o tomo I, propunha-se Gama Barros «apresentar a administração pública em Portugal... em relação ao regimen interno,... desde a fundação da monarquia até o fim do reinado de D. João II... Mas, para avaliar de perto o mecanismo da administração e o seu influxo, não basta conhecer o direito que a regia; é mister penetrar mais no ámago da sociedade, perscrutando os costumes de cada classe, investigando os seus privilégios e encargos, e atentando também na constituïção da família e da propriedade, na justiça civil e criminal».

Dêste sóbrio programa nasceu uma obra, que não receia confrontos com análogos trabalhos de reputação mundial. Basta a simples resenha das matérias tratadas nos quatro tomos da *História da Administração Pública em Portugal* para evidenciar o fundamental valor das suas investigações sôbre a maneira de viver, individual e colectiva, das gerações passadas.

No primeiro tomo, estuda Gama Barros não só o Código visigótico, o Direito canónico e o Direito romano, isto é, as fontes principais da nossa antiga legistação, mas o Direito consuetudinário, os forais, genuinos monumentos do Direito tradicional, e as Leis gerais, aliás limitadas pelas imunidades das classes privilegiadas e as isenções locais. Assentes os elementos consti-

tutivos do direito público português na Idade Média, analiza Gama Barros o poder do rei, as obrigações dos súbditos em relação à coroa, as restrições da soberania e o progresso da autoridade do monarca. O problema da existência ou não existência do feudalismo, em Portugal e nos Estados de Leão e Castela, é discutido com imensa cópia de factos, chegando Gama Barros a uma conclusão, que o tempo decorrido, desde a publicação dêsse volume, não invalidou ainda: «Nestes reinos... a acção e a reacção entre o princípio feudal, que era dominante em grande parte da Europa, e as circunstâncias peculiares da Península, que repeliam aquele princípio, produziram um sistema político especial, que não era o feudalismo porque lhe faltavam os caracteres essenciais, mas... proporcionava à aristocracia elementos vigorosos de resistência ao desenvolvimento do poder real, nos amplíssimos privilégios de que a nobreza estava revestida».

Consagra depois Gama Barros extensos capítulos à classe eclesiástica e à sua proponderância no govêrno civil da sociedade; às ordens militáres, poderoso auxiliar na guerra da Reconquista; à nobreza e às suas categorias, aos seus costumes, às suas prerrogativas, aos abusos de jurisdição dos donatários e às lutas da coroa contra esses privilégiados até à sujeição definitiva da classe nobre. Não são menos notáveis os capítulos relativos ao incremento das instituïções municipais e conseqüente emancipação do homem de trabalho; e à origem das Côrtes, sua influência na administração geral, sua constituïção, escolha e número dos procuradores dos concelhos. E o volume fecha com um interessante estudo das condições em que então se exercia o govêrno central da monarquia: as freqüentes deambulações da côrte; a organização da Casa Real; os funcionários civis e militares; a primitiva cúria ou conselho do rei e os tribunais, casa do cível e casa da suplicação.

O tomo segundo trata exclusivamente da população de Portugal na Idade Média. Começa Gama Barros por fixar a sua densidade, no território onde depois se fundou a monarquia portuguesa. Não obstante a devastação do país, causada pela guerra com os sarracenos, as incursões dos normandos e as lutas entre cristãos, os numerosos actos de transmissão de bens, que durante os séculos X e XI se realizam entre pessoas particulares, provam a existência duma população agrícola e sedentária, mais densa do que geralmente se supõe. Mostra-nos em seguida Gama Barros a condição social das classes inferiores, entre os visígodos e no período leonês: a transformação da servidão pessoal em adscrição à gleba, e do adscrito em colono pessoalmente livre; as cláusulas da

alforria restrita e da alforria completa; o forte impulso dos municípios na emancipação dos servos.

Nos capítulos seguintes, para acompanhar os esforços tendentes à fixação e melhoria da população, recorre Gama Barros às cartas de aforamanto, singular ou colectivo, aos forais e às inquirições. Ás suas indefessas investigações não escapa nenhuma face do problema: a vinda de colonos estrangeiros; a desigualdade de povoamento nas diferentes províncias do reino; o aumento da circulação monetária; a multiplicidade das feiras, única forma de actividade comercial, compatível com a falta de comunicações e os perigos e despesas das jornadas; as crises de fome, gerais ou parciais; as epidemias; a almotaçaria, estabelecida pelos reis ou pelos concelhos. Por fim, demora-se no exame de factos, que denotam o incremento da população nos séculos XIV e XV: as pragmáticas contra o luxo; a maior distribuïção do comércio interno; a criação de estalagens, mantidas por particulares ou pelas próprias municipalidades; a elevação do nível social do povo, manifesto índice da prosperidade geral.

O regímen da propriedade e as diversas formas de aquisição do domínio do solo — ocupação, prescrição, contratos, direito de avoenga, doações, arrendamentos, herança e, dentro desta, a sucessão legítima, a sucessão dos filhos naturais e a sucessão testamentária; as disposições legais que regulavam êsse regímen, na Espanha visigótica e na sociedade cristã da reconquista; o sistema tributário em vigor nas duas épocas; o estado das classes populares, em relação à posse da terra, depois da formação da nacionalidade portuguesa: todas estas enredadas questões constituem a matéria do tômo III, magnífico trabalho de erudição e de crítica, dada a variedade das fórmulas jurídicas, a complexidade das relações sociais e o nímio cuidado do autor na exposição e comento dos factos.

É nas inquirições gerais de 1220 e 1258, que Gama Barros encontra elementos preciosos para rigorosamente definir a situação especial dos colonos livres de casais realengos e os encargos fiscais da propriedade alodial, pertencente a vilões. Pela importância que teve na exploração agrícola e no crescimento da população, estuda também o eminente investigador as diferentes modalidades de aforamentos, quer de bens da coroa, quer de bens eclesiásticos ou particulares. Mas um dos mais valiosos capítulos do livro é o que trata da propriedade vinculada. A origem dos morgados filia-a Gama Barros no influxo imediato das *Partidas* e mediato de certos elementos do feudalismo, como o direito de primogenitura e o privilégio da masculinidade, que eficazmente serviam «para manter a

riqueza nas famílias e perpetuar portanto as tradições nobiliárias». Examina depois as restrições do direito de propriedade, nas expropriações por utilidade pública e na famosa lei das sesmarias. E êste volume termina com uma larga notícia do antigo tabeliado português.

O tômo IV é a reconstituïção histórica da situação económica do país, nos seus fundamentos essenciais: a agricultura, a indústria e o comércio. Após o estudo preliminar da agricultura nas épocas visigótica e muçulmana, considera Gama Barros as várias fases da vida agrícola portuguesa até à morte de D. João II: alternativas de abundância e escassez de cereais; antiguidade na cultura da vinha; importância dos olivais nas províncias do sul; extensão da cultura do linho; vasto consumo da cera e do mel; saída de cortiça para a Flandres; criação e exportação de gados; providências para o aperfeiçoamento da raça cavalar; tributos sôbre pastagens e baldios.

Na indústria, o fabrico caseiro de panos, era vulgar. Mostra Gama Barros que, além do pano de linho, do bragal e do burel, também se teciam panos de côr. Em muitos concelhos fabricava-se louça de barro, e não faltavam fornos de cal. A moagem de cereais era livre, podendo qualquer pessoa construir moinho ou azenha, com a respectiva presa, em prédio seu; mas, para montar atafona, devia possuir terras de pão. O primeiro *moinho de papel* já laborava em Leiria, nos princípios de 1441. A indústria da saboaria constituiu sempre um monopólio. Concedido por D. João I ao infante D. Henrique, à data da sua morte, passou ao sobrinho, o infante D. Fernando, e dêste a seus filhos, o duque de Vizeu e o duque de Beja, futuro rei D. Manuel. Ao mesmo infante D. Henrique deu D. Afonso V o privilégio da aplicação do pastel à tinturaria. A velha arte dos lavrantes de ouro e prata estava sujeita a alternativas de restrição e de liberdade, por trabalhar em metais preciosos. A indústria da pesca, atraindo os homens que povoavam o extenso litoral, era muito importante; estendia-se até a espécies, como a baleia, que hoje não aparecem nas nossas águas. O fabrico do sal, anterior à monarquia, representava um poderoso elemento do tráfego externo.

É exaustivo o capítulo que Gama Barros dedica às nossas relações comerciais. A sua antiguidade; estímulos e incitamentos à navegação; disposições sôbre fretamentos; leis favoráveis à construção de navios; as bôlsas de seguros, criadas por D. Fernando em Lisboa e Pôrto; a bôlsa do comércio português em Bruges; os progressos da actividade mercantil, a partir do século XIV; os tributos que nela incidiam: tudo é profundamente esmiuçado e comentado. Segue-se o estudo da sisa, como imposto

geral e permanente, com os seus juízes privativos e os seus arrematantes, tão odiados pelos vexames que envolviam a cobrança. Vem depois o trabalho consagrado aos pesos e medidas, tão diversos no valor e nos nomes. E o livro acaba com os capítulos relativos ao comércio interno, direitos de portagem e embaraços que o dificultavam; ao comércio com as possessões de além mar; e ao comércio exterior com a Itália, a Flandres, a Inglaterra, a França, a Alemanha e Castela, assombroso repositório de factos, apreciados com sólido critério objectivo.

Eis aqui, em rápida, deficiente e perfuntória síntese, o que é a *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, obra monumental de ciência e consciência, largamente crédora da nossa admiração. Cinqüenta anos de canceiras lhe deu Gama Barros, grande exemplo de energia, de tenacidade, de absoluta confiança em si e no seu trabalho — alto e prestigioso modêlo para novos que saibam chegar a ser velhos, para velhos que saibam ainda ser novos.

As minhas últimas palavras serão de elogio, de merecido e caloroso elogio, à Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, que tão nobremente compreendeu o vasto alcance social destas homenagens, e tanto tem elevado e difundido os seus serviços culturais.

QUEIROZ VELOSO.

Uma carta de Bartolozzi

Subsídio para a história da gravura em Portugal

Quando há dias, num dos Museus de Lisboa, admirava mais uma vez alguns trabalhos do gravador Bartolozzi, que em princípios do século XIX, a-pezar-da sua avançada idade, tão grande incremento dera à gravura *pointillé* em nosso país, lembrei-me de que entre os documentos por mim colhidos nos Arquivos do Rio de Janeiro, um existia dêste grande artista e que merecia ser conhecido dos seus críticos e biógrafos.

Tinha conhecimento de algumas cartas do célebre gravador, que como subsídio para o estudo da sua personalidade e da sua passagem pela nossa terra, tinham sido publicadas pelo Sr. Dr. José de Queirós na *Terra Portuguesa* (1917) e pelo Sr. Dr. Alberto Feio nos *Anais das Bibliotecas e Arquivos* (1931), esclarecendo estas últimas a quem devemos a adquisição de Bartolozzi para vir trabalhar em Portugal.

Hoje, em face das cartas publicadas pelo Sr. Dr. Alberto Feio, foi o Conde da Barca — António de Araújo e Azevedo — espírito culto e de artista, nosso Ministro na Rússia, que na sua passagem por Londres, relacionando-se com o gravador, deu a conhecer seus méritos ao Govêrno Português, e em seguida fôra encarregado de o contratar.

O documento que vamos publicar, é uma extensa carta autografa, datada de 10 de Outubro de 1802, sem indicação do destinatário, mas que, pela sua redacção não hesitamos em dizer, ter sido dirigida ao seu grande protector e amigo Conde da Barca, que sempre lhe dispensou todo o seu valimento, até mesmo, mais tarde, quando acompanhou a côrte de D. João VI para o Brasil.

Esta carta, escrita em italiano, cheia de lamentações, como o próprio autor afirma, é uma exposição das intrigas e das malquerenças criadas à sua volta por parte dos seus antigos discípulos e principalmente daquele, que desde a primeira hora, fôra seu ajudante na escola de gravura da Imprensa Ré-

gia — Gregório Francisco de Queirós.

Bartolozzi, velho e doente, não esquece as ofensas recebidas e cruelmente se refere aos seus detractores.

Alongando-se em pormenores, vai ao ponto de referir dívidas particulares e a forma pouco correcta como fôram liquidadas.

Dá-nos a conhecer a incumbência que tinha recebido do Marquez de Redondo para fazer gravar por seus discípulos certos desenhos, sob a fiscalização do célebre botânico Brotero, desenhos destinados, sem dúvida, a ilustrar qualquer obra sôbre história natural, e de cujo trabalho Benjamim Conte seu antigo auxiliar e Gregório Francisco de Queirós seu ajudante e antigo discípulo se queriam aproveitar, não julgando habilitados a executá-lo os discípulos actuais do seu antigo mestre.

Mas, informa Bartolozzi, o botânico está satisfeito e o trabalho vai admiràvelmente bem!

Como em outras cartas já conhecidas, Bartolozzi não esquece a dedicação e amisade pelo seu *benemérito* discípulo Francisco Tomaz de Almeida e por Domingos José da Silva, recomendando-os ao destinatário da carta pelo seu merecimento e ainda sugerindo o aumento do subsídio que recebiam, insignificante para a carestia da vida que então se atravessava e em que a carne já custava oito vintens!

Por esta carta avaliamos, como poucos meses após a sua chegada a Portugal, a indisciplina que lavrava entre os artistas, lhe criou uma vida cheia de desgostos e aborrecimentos, não lhe bastando já a sua velhice e doença.

Mas, o mal era antigo! Já em 1788, José da Costa e Silva, professor de arquitectura civil na Aula de Desenho de História, fundada em 1781, dirigia um ofício à Raínha propondo-lhe a exclusão da mesma aula a três dos seus alunos: Henrique José da Silva, Januário Pinto de Meneses e Joaquim José da Rosa, por fortes motivos de indisciplina, documento êste a que demos publicidade juntamente com outra documentação referente ao arquitecto José da Costa e Silva, no número passado dos *Anais*.

NOTA: — A reprodução fotográfica é da primeira página da carta de Bartolozzi, escrita em papel muito transparente, amarelecido pelo tempo e em parte danificado.

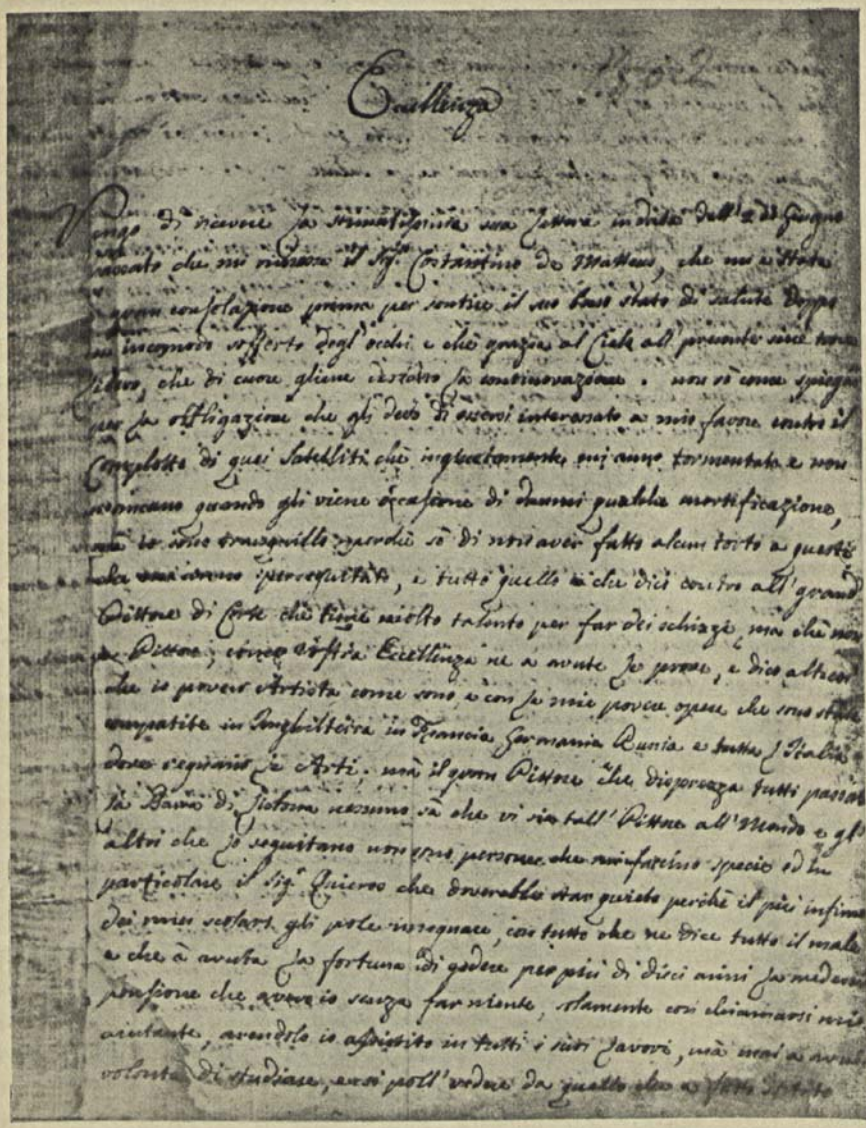
A cópia da carta, foi feita oficialmente pela secção histórica do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, onde o documento se encontra, religiosamente conservado.

Lisboa, Agôsto de 1936.

ARTUR DA MOTTA ALVES.
advogado.
Do Instituto de Coimbra.
Do Instituto Português de Heráldica.

«ECCELLENZA.

Vengo di ricevere la stimatissima sua lettera in data dell'2 di Giugno



Uma página da carta de F. Bartolozzi
(Reprodução do Dr. Mota Alves)

passato chemi rimesse il Sig.r Costantino de Matteus, che mi è stata di gran consolazione prima per sentire il suo bono stato di salute doppo un incomodo sofferto degl'occhi e chè grazia al Cielo all'presente sene trova libero, che di cuore glierre desidero la continovazione. non sò come spiegarmi per la obbligazione che gli devo di essersi interessato a mio favore contro il complotto di quei Satelliti chè ingiustamente mi anno tormentato e non mancano quando gli viene occasione di darmi qualche mortificazione, mà io sono tranquillo perchè sò di non aver fatto alcun torto a questi che mi anno perseguitato, e tutto quello che dico contro all'grand'Pittore di Corte che tiene molto talento per far dei schizzi, mà chè non è Pittore, come Vostra Eccellenza ne a avute le prove, e dico altresi che io povero Artista come sono, e con le mie povere opere che sono state compatite in Imghilterra in Francia Germania Russia e tutta l'Italia dove regnano le Arti; má il gran Pittore che disprezza tutti passato la Barra di Lisbona nessuno sà che vi sia tall'Pittore all'Mondo e gl'altri che lo seguitano non sono persone che mi faccino spécie ed in particolare il Sig.r Quieros che doverebbe star quieto perchè il più infimo dei miei scolari gli pole insegnare, con tutto che ne dice tutto il male e che à avuta la fortuna di godere per più di dieci anni la medesima pensione che avevo io senza far niente, solamente con chiamarsi mio aiutante, avendolo io assistito in tutti i suoi favori, mà mai a avuta volontà di studiare, e si poll' vedere da quello che a fatto sortito di casa mia, mà ora che è protetto dall'gran Maestro, e impiegato nella grand'Opera che chiamano dei Calderoni, e per incidere il gran quadro che fù mandato costi all'Principe e che V'Eccellenza certo a veduto e come è bon giudice potrà giudicarne dell'merito, benchè io non lo ò veduto, mentre mene vivo solo fino che Dio mi dà la salute di poter travagliare che è un vero miracolo della Providenza arrivato all'età di 86 anni divenuto quasi sordo e persi tutti i denti ne posso camminare per la mia debolezza, mi basta solo che con la protezione dell'Nostro degno Principe, che mi vogli conservare la sua grazia e assistenza, che coll' mezzo dell'defunto Sig.r Conte de Lignares mi fece che fossi paga la mia pensione in metallo e esente da ogni tassa, che sempre ne sarò memore e grato; ora non ò altro Protettore che V. Ecc.za all' quale mi raccomando di continovarmi il suo Patrocinio e di essere il mio Protettore presso di S. A. A. acciò mi continovi il suo Patrocinio e che secondo la mia età poco posso essere di aggravio, e come questa reste d'invidiosi cernano tutti modi per farmi dell' male cosi spero che V. Ecc.za vorrà non abbandonarmi, per non essere

obbligato a ritornare dove sono stato per 40 anni, e posso dire colle povere opere di aver portato qualche utile all'commercio delle stampe, che pochissimo era quando arrivai in Londra, e la mia raccolta và a quasi tremila rami, e questa si pol vedere da che tiene la mia collezione e qui me trovo attorniato e mall'trattato da gente che eccento il gran pittore sfratato che con le sue opere, a fino strapazzato il suo benefattore, e con cinquemila crociati all'anno a fatto il tiranno a tutti gl'Artisti. Perdoni si mi estendo troppo con queste lamentazione, mà compatisca la mia età che non essendo avvezzo a ricevere ne carte anonime, dove per tutto dove sono stato mai ò ricevuto simil ingiurie ed ò sempre cercato di rispettare gl'Artisti mà doppo che V. Ecc^za^ ed'altri Sig^ri^ che mi onoravano della loro protezione mi sono trovato in mezzo ad um laberinto d'ignoranti invidiosi di quell'poco di bene che ò ricevuto dall'mio Sovrano, e dell'onore che coll'mezzo di V. Ecc.^za^ mi fece dare; o cercato in tutti le occasioni di sadisfare all'mio obbligo cioè della squola con perdita di tempo e denaro per somministragli tutto quello che e necessario alla Professione, e certo è che quello degli squolari chè è il minimo e meglio chè quello che deve essere il mio sostituto, eccetto la ingua, e sarei molto felice nelle presenti circostanze se mi pagassi trentasette lire sterline che mi deve oltre quello che mi usurpò nell'pagamento primo dell'Ritratto dell'Principe che mi fece um conto di quasi cento monete di cose che fui obbligato di provvedere per la casa, e come non conoscevo la lingua ne potevo capire il conto che mi presentò cosi si pagho dell'tutto, e domandando io una ricevuta mi rispose che qui non era luso e portò via il conto però ò avuta occasione di fargli il mio rimprovero, senza poterne cavare una risposta e per il mio denaro prestato, mi disse che mi darebbe carta di francia ed altre cose e ciò lo disse a Mr Conte, ma io non vogli accettare carta avendo sborsato denaro; cosi si voll'pazienza e soffrire devo avisarlo che ora e miei scolari stanno gravando quella collezione di Bottanica che V. Ecc.^za^ lasciò i disegni in mia casa acciò fossero incisi, ma Quieros gli domandò dicendo che era stabilito che frà lui e Conte dovevano incidergli, mà sei mesi fà all'Sig^r^ Marchese Rotondo mi fece chiamare e mi disse che aveva finato di fare incidere quei disegni e che gli rimetteva a mé acciò io gli distribuisse ai mie scolari sotto la direzione dell'Sig.^r^ Brutero Bottanico, io parlai di questo a Mr Conte il quale mi rispose che quella era un opera, che lui doveva dirigere e che i miei scolari non erano capaci, ma per ordine dell'S. Marchese si vanno facendo ed il Bottanico si trova

contendo, mà Quieros e Conte volevano profittare anco di questo lavoro, e posso assicurarlo che vanno molto bene, mà non vanno avanti con quell'fervore che dovvebbero perchè devono per quella pensione che anno di un crociato novo all'giorno, che con molta pena risquotono metà carta e pagando la tassa, sicchè si lamentano, e pregano tutti unitise con la protezione di V. Ecc.za volessi parolare a S. A. R. e fargli avere qualche cosa dipiù e pagati in metallo ò essenti dalla Tassa, che alcuni sono poveri ed il vivere diventa più caro tutti i giorni, e la carne adesso e a otto ventini la libbra e tutte le altre cose necessarie alla vita crescono tutti i giorni però implorano V. Ecc.za che vogli presentare all'loro Sovrano la loro situazione che oltre ed essergliene grati, pregheranno l'Altissimo per la conservazione dell'loro Sovrano e quella di V. Eccza alla quale mi emisco ancor io che trovo multo giusto quello che domandano, io tengo un giovine in casa chiamato Tommasi che mi aiuta molto e che e maritato con due figlie il quale ottenne per mezzo dell'defunto Sig.r Conte de Lignares la pensione dell'crociato novo, ma e paga all'Imprimeria Regia che quell'Sig.r Direttore, e uno della congiura dell'gran Pittore di Corte che fu uno che lo difere per le sue belle pitture che fece contro il Principe e nemico mio che io non temo, ora venne un ordine da S. A. R. alla Reggenza che dassero qualche cosa dipiù a questo per poter sussistère, ma la generosità dei Sigr Roggenti gli fecero la offerta di sei ventini all'giorno, e a forza di sentire i lamenti di questo giovine ed altri gli crescerono fino a un mezzo crociato paga che non si offerisce ad un sarto o zappadero, e à della pena a risquotergli, e questo giovine mi fù raccomandato dall'direttore dell'Impression Regia e cosi và il Mondo, il mio scolare Silva mi pregò di presentargli i suoi umile Rispetti pregandolo di sovvenirsi di lui, che veramente merita di essere incoraggito ed assistito come tempo fà io scrissi a V. Ecc.za che fù il primo discepolo che mi raccomando e che a già vedute le sue opere, di quell'Tommasi che gli parlo vedrà il Ritratto che à inciso colla mia assistenza dell'defunto Sig.r Conte de Lignares. Intanto gli domando mille volte perdono, di avergli fatto questa lunga e mal scritta lamentazione, e sè ò mancato in qualche parte lo attribuisca alla mia cadente età e ad uno spirito abbattuto e tristo, mentre conosco di aver fatto male avendo presse notizia della carta anonima che dovevo appena ricevuta gettarla sul'fuoco è non prenderne notizia, mà pensando che venisse da quella persona dall'quale ò ricevuti i più mali trattamenti senza meritargli; e di quali non ò mai ardito di farne menzione

a V. Eccellenza, e cose che potevo provare con testimoni, mà fui consigliato a non farne menzione; però di novo torno a domandargli perdono, e pregarlo di non mi abbandonare per quell'poco de vita che mi poll'restare e che almeno la finisca in pace e quieta e che Dio perdoni a chi mi a fatto è mi fà dell'male che io gli perdono di vero cuore; quello che desidero con la sincerità dell'mio cuore che il Cielo lo Remuneri dall'bene che mi à fatto e di quello che è nell'suo potere di farmi che ne conserverò la memoria e gratitudine fino alla morte e coll'più profondo rispetto mi protesto suo umilissimo servitore.

F. Bartolozzi.

10 d'Ottobre 1802.

Excelência:

Acabo de receber sua estimadíssima carta de 2 de Junho próximo passado, entregue pelo sr. Constantino de Matteus, proporcionando-me imensa satisfação a notícia de que graças a Deus no momento gosa ótima saúde, depois de ter tido uma doença na vista, e de coração desejo-lhe que continue sem nenhuma anormalidade.

Não tenho expressões para agradecer-lhe o interêsse a meu favor contra o «complot» daqueles satélites que injustamente me atormentaram e que procuram aborrecer-me sempre que se apresenta oportunidade. Mas, eu estou tranquilo, porque, nenhum mal fiz a êstes que me têm perseguido, podendo acreditar ser verdade o que falo contra o grande «Pittore di Corti» que tem muito talento para fazer desenho, mas que não é pintor e — V. Ex.ª, possui as provas — e muito embora, desprese a todos, sòmente é conhecido em Lisboa, enquanto que eu, sendo um pobre artista, com trabalhos também pobres, fui recebido na Inglaterra, França Alemanha, Rússia e notadamente em tôda a Itália, onde reinam as artes.

Quanto aos outros que o acompanham são pessoas que me não fazem sombra, particularmente o sr. Queirós, que deveria ficar calado, porque o mais atrazado dos meus discípulos pode servir-lhe de mestre, embora êle procure depreciá-los, esquecendo-se, entretanto, que sòmente pelo facto de apresentar-se como meu ajudante teve a felicidade de gozar por mais de dez anos e sem fazer nada, a mesma pensão que eu tinha. Sempre procurei guiá-lo, porém, nunca teve vontade de estudar, podendo verificar-se pelo que produziu, depois que saíu de minha casa. Agora que é protegido do grande maestro e empregado na grande Ópera que chamam de Calderoni, e por ser incumbido de fazer agora o grande quadro que foi remetido aí ao Príncipe — quadro que V. Excelência, certamente teve ocasião de ver —

e como é bom juiz, poderá julgar do mérito.

Eu não o vi, porque vivo isolado, continuando até que Deus me dê saúde para poder trabalhar, o que é um verdadeiro milagre da Providência para a minha idade de oitenta e seis anos, tendo ficado quási surdo e perdido todos os dentes, não podendo caminhar devido ao meu estado de fraqueza. Desejo sòmente a protecção de nosso digno Príncipe, conservando-me a sua graça e assistência que necessito, mormente depois do falecimento do sr. Conde de Lignares que fez com que fôsse paga a minha pensão em dinheiro metálico, isenta de qualquer taxa, cujo favor relembrarei sempre com a mais profunda gratidão.

Agora não tenho outro protector a não ser V. Ex.ª, e por isso peço-lhe que continue dispensando-me o seu auxílio e a ser o meu protector junto a S. A. R., para que êste continue protegendo-me, pois com esta idade pouco mais posso pedir.

Como êstes invejosos fazem tudo para prejudicar-me, espero que V. Ex.ª, não me abandone para não ser obrigado a voltar onde estive quarenta anos, contribuindo com meus pobres trabalhos com alguma coisa de útil para o comércio de estampas que era muito atrazado, quando cheguei a Londres, e a minha colecção que vai a quási três mil gravuras de cobre, e isto se pode verificar, porque existe a colecção.

Aqui me encontro atormentado e mal tratado por pessoas, como o grande pintor, que foi expulso com suas obras, que tem até sido ingrato com o seu bemfeitor e que com seus cinco mil cruzados ao ano, tem-se feito tirano contra todos os artistas.

Perdoe-me se alongo por demais estas lamentações, porém, torna-se necessário julgar a minha idade, e além disso, é preciso considerar que eu não estou acostumado a receber cartas anónimas. Por tôda a parte onde tenho estado nunca recebi semelhantes injúrias e tenho sempre me esforçado por respeitar os artistas. No entanto, depois que V. Ex.ª, e outros senhores me honraram com sua protecção, tenho-me encontrado num labirinto de ignorantes, invejosos, tudo devido aos poucos benefícios que tenho recebido de meu Soberano, mercê da interferência de V. Ex.ª, que é muito honrosa.

Tenho procurado em todas as ocasiões cumprir com meu dever, perdendo tempo e dinheiro, para subministrar a escola com tudo que é necessário à profissão; tanto assim que o menos valoroso dos meus alunos é mais idóneo do que aquêle que vai ser o meu substituto, feita a excepção do conhecimento da língua. Seria eu muito feliz, nestas circunstâncias se o substituto pagasse as trinta e sete liras ester-

linas que me deve, além do que me usurpou no primeiro pagamento do retrato do Príncipe, quando fez uma conta de quási cem moedas, por coisas que fui obrigado a providenciar para a casa. Como não conhecia a língua, nem podia compreender a conta que me apresentou, cobrou-se de tudo. Ao solicitar lhe um recibo, respondeu-me que aqui não era hábito passar recibos, levando também a conta. Mas, tive oportunidade de apresentar-lhe o meu protesto, se bem que não consegui obter uma solução favorável.

Para o meu dinheiro emprestado, disse-me que daria carta de França e outras coisas e isto disse a Mr. Conte, mas, eu não quiz aceitar carta por haver dispendido dinheiro, e deante dessas circunstâncias é preciso muita paciência e sofrimento.

Devo avisar a V. Ex.ª, que agora os meus discípulos estão gravando aquela colecção de botânica, cujos desenhos V. Ex.ª, deixou em minha casa para que fôssem trabalhados. Mas Queirós, palestrando com meus alunos, declarou que havia ficado combinado, entre êle e Conte, que a colecção deveria ser gravada por êles.

Há seis meses, o sr. Marquez Redondo, comunicou-me que havia acabado de executar aqueles desenhos e que os remetia a mim para serem distribuídos pelos meus alunos, sob a direcção do sr. Brutero Bottânico. Transmiti essa notícia ao sr. Mr. Conte, respondendo-me êste que se tratava de uma obra que êle deveria dirigir, visto meus discípulos não serem capazes de executá-la. Entretanto, por ordem do sr. Marquês se vai fazendo e o Bottânico está satisfeito. Queirós e Conte queriam aproveitar-se dêsse trabalho, o qual posso assegurar-lhe vai admiràvelmente bem.

Os meus alunos não trabalham com aquêle fervor que deveriam manifestar, devido ao facto de não estarem satisfeitos com aquela pensão que têm de um cruzado novo por dia, que com muita pena recebem, metade papel e ainda pagando impostos.

Lamentam-se bastante e todos me pedem para ver se eu com a protecção de V. Ex.ª, consigo convencer S. A. R. a-fim de obterem alguma coisa mais, recebendo as pensões em metal e isentas de impostos; alguns são pobres, e a vida dia a dia torna-se mais difícil.

A carne agora, está a oito vintens e todas as outras coisas necessárias à vida, sobem consideràvelmente de preços. Êles pedem a V. Ex.ª, para expor detalhadamente ao Soberano a situação em que se encontram; além de ficarem sinceramente agradecidos, pedirão ao Altíssimo a conservação do Soberano e de V. Ex.ª. Achando muito justa as suas pretenções alio-me a êles.

Tenho em casa um moço chamado Tomaso, que me ajuda muito,

é casado e tem dois filhos. Por intermédio do sr. Conde de Linhares, êle obteve a pensão de um cruzado novo, mas pago pela Imprensa Régia, cujo Director é um dos conjurados do grande pintor da Côrte, que foi um dos defensores nas belas pinturas que Tomaso fez contra o Príncipe.

Êsse Director é meu inimigo, porém, não o temo. Agora veiu uma ordem de S. A. R. para que a Regência desse alguma coisa mais a êste para poder subsistir, mas a generosidade do sr. Regente fez com que a oferta fôsse de seis vintens por dia. Sentindo as lamentações dêsse moço e de outros, resolveram aumentar até um meio cruzado, oferta que se não faz nem a um alfaiate ou capinador

Êste moço foi recomendado pelo Director da Imprensa Régia, e assim vai caminhando o mundo.

O meu aluno Silva, pediu-me para apresentar a V. Ex.ª seus humildes respeitos e que também deseja ser lembrado por V. Ex.ª, e não há dúvida que êle merece ser encorajado e assistido.

Já há tempos escrevi com referência a êste assunto, pois êste aluno, é o primeiro que me foi recomendado por V. Ex.ª, cujas obras já teve ocasião de ver.

Do aluno Tomaso que falei a V. Ex.ª, verá o retrato que fez sob minha assistência — retrato do falecido Conde de Linhares.

Peço lhe mil vezes perdão por ter escrito estas longas lamentações, e se tenho faltado em algum ponto, só pode ser conseqüência de minha avançada idade e ao meu espírito abatido e triste.

Reconheço ter feito mal em tomar conhecimento da carta anónima, a qual deveria ser imediatamente colocada no fogo. Pensava que tivesse sido escrita por aquela pessoa da qual tenho recebido os peiores tratamentos, sem os merecer, os quais nunca fôram mencionados a V. Ex.ª, mesmo quando os poderia provar com testemunhas, isto devido a ter sido aconselhado.

Novamente peço-lhe perdão e solicitando-lhe que não me abandone durante o pouco tempo que me resta de vida, pois quero acabá-la em paz e socego.

Que Deus perdoe a quem me tem feito e está fazendo mal, pois, eu perdôo de coração.

Desejo sinceramente que o Céu, recompense o bem que me tem feito e do que ainda me pode fazer, pois, saberei ser grato até à morte.

Com o mais profundo respeito, seu humilde servidor,

F. Bartolozzi.

10 de Outubro 1802.

Breviário de Carreira

Ramalho Ortigão

Para comemorar o 1.º centenário do nascimento de Ramalho Ortigão, organizou-se, no Museu Municipal Bordalo Pinheiro, uma exposição bibliográfica de Ramalho, colaborador de Bordalo Pinheiro, exposição que se inaugurou a 24 de Novembro de 1936. Nessa mesma noite a Emissora Nacional radiodifundia uma conferência sôbre Ramalho Ortigão, resumo dêste estudo que na íntegra se publica aqui.

I

A glória em Portugal

Os nossos homens ilustres, em geral, atingem ao mesmo tempo a glória e a miséria.

Sem falar em Camões, que investigações querem arrancar à mortalha de esmola e restituir a mediano desafôgo garantido por certa tença, há entre os contemporâneos das letras e da política vidas de sobra para demonstrar a inanidade material da glória.

Tomaz Ribeiro confessou francamente aquela simultaneidade a umas senhoras que chegaram esbaforidas ao quarto andar do honrado e glorioso romântico:

— «Morava num 1.º andar. Fui a primeira vez ministro, tive de ir viver para um 2.º andar, em cata de renda mais barata. Cada vez que era ministro subia mais um andar.

Mas estejam V. Ex.as descançadas que não torno a aceitar o Poder.»

Hintze Ribeiro morreu com um quartinho na bolsa de prata.

António Cândido contava que, sendo ministro, foi certa manhã a casa do chefe do govêrno, o velho general João Crisóstomo de Abreu e Sousa, para lhe dizer:

— Pelo que vejo nos jornais, o govêrno não tem muita vida...

— Felizmente! — respondeu o general — E digo felizmente porque quando vim para o Poder tinha

seiscentos mil réis que já se gastaram.

Acrescentava António Cândido:

— E, rodando o olhar pela casa de João Crisóstomo, disse entre mim: — «E o que êle tem em casa não vale outros seiscentos mil réis».

Tanto ou mais expressivo é êste traço da vida de Manuel Pinheiro Chagas. O ilustre polígrafo vivia exclusivamente da pena. Vida difícil, poucos ganhos e muitos filhos. Fornecia-o de calçado, a êle e à família, um sapateiro que havia alí para o Lorêto e se chamava Liberato. Freguês antigo, de boas contas, pagava a prestações mensais.

Foi ministro. A gloriosa e infatigável pena desviou-se do *Correio da Manhã* para o *Diário do Govêrno*.

A fonte das receitas secou instantaneamente. Incapaz de voltar as costas ao compromisso, mandou ao sr. Liberato pedir escusa de não entrar com a costumada prestação.

A vida inteira de impoluta e desinteressada modestia não lhe foi abrigadoiro para uma campanha de imprensa em que se insinuava que o brilhante artista da palavra e da escrita — a quem Fontes chamava o seu canário e Charcot, depois de o ouvir discursar em Paris, nunca mais designara senão por *L'Orateur* — assinara por peculato a célebre concessão dos Salgados do Algarve.

O sapateiro que conhecia por experiência a lizura de Pinheiro Chagas melhor do que os letrados e os iletrados políticos, indignou-se com a calúnia e, para a deriscar, expôs no escaparate da loja o cartão do honrado freguês, em que lhe pedia moratória. Interpretado o caso como propósito desfeiteador, uns amigos de Pinheiro Chagas entraram à loja de mestre Liberato que explicou assim o gesto de singular e enternecida defesa:

— É verdade que expuz o cartão de S. Ex.ª na minha vidraça. E querem V. Ex.as saber porquê? Porque me indignei com a patifaria de andarem aí a dizer nas fôlhas que o Sr. Pinheiro Chagas recebera luvas na questão dos Salgados, quando S. Ex.ª nem ao sapateiro pode pagar.

Não foi mais opulenta a glória de D. João da Câmara que, muita vez, fez a pé o estirão da Junqueira ao Chiado, por dar de esmola o vintem da passagem no carro do *Chora*. Dêste escritor, fidalgo de berço e de espírito, inúmeros episódios, tocantes, de confessa pobreza se contam, que êle mesmo narrava com a sua engraçada bonhomia. Êste, por exemplo: ter dado a casaca ao criado, e, na noite da 15.ª do *Burro do Senhor Alcaide*, pedir a casaca emprestada ao criado, para se apresentar a receber a aclamação da platéa.

A mim me contou, mas então com amargura, não poder reunir em volume o seu teatro, porque vendera por cinqüenta mil réis a

propriedade do *Pântano*. E, já com sorriso quási nazareno, justificou:

— Tinha o Vicente em Coimbra e era preciso comprar os livros para as aulas.

Outra vida spartana: a de João de Deus.

Basílio Teles professou uma vida de carmelita laico, levando para a ordem um bom dote em caracter.

A vida de Camilo passou-se em ininterrupto combate à fome, sendo freqüente ouvir-se na sua obra o tinir dos ferros: o seu sarcasmo e a adversidade.

A medianía de António Cândido tornou-se ângustia, de que o libertaram tão tarde que o seu melhorar de fortuna se pareceu com as melhoras da morte.

Mas terão os escritores, os músicos, os pintores, os escultores, os oradores, ao menos, assegurada a glória? Sentirão, ao menos essa consolação que, não os enriquecendo, lhes perfume a vida, essa certeza de serem amados pelos seus contemporaneos e compatriotas? Creio que não. A nenhum outro povo como os portugueses se aplica tão bem a definição de glória, expressa por Barbey d'Aurevilly: «A glória é o sol dos mortos!»

Efectivamente o que em Portugal se chama glória não passa de notoriedade, maior ou menor, mais ou menos duradoura.

E ainda assim o homem célebre recebe no fim da vida amargas surprezas, como a que apunhalou Camilo quando veio a Lisboa quási no termo da sua carreira de trabalho e de amargura. Um jornal noticiou a estada em Lisboa do gigante nos seguintes termos: *o Sr. Camilo Castelo Branco autor de vários romances.*

Notório que Camilo fosse «autor de romances», lá isso era. Eis a notoriedade. Agora glória, reflexo do orgulho que uma Pátria tenha em nela haver nascido e creado obras primas um artista, gratidão colectiva, irradiação de amor pelos seus artistas, isso não existe em Portugal. Não ha sequer a consoladora regra de serem conhecidas, lidas ou visitadas as suas obras.

¿Quantos portugueses terão lido já não digo os *Lusíadas* mas as *Líricas*?

¿Quantos terão visitado o *Desterrado*?

¿Quantos conhecerão Frei Carlos e os Painéis de Nuno Gonçalves?

¿Qual o escritor ou o artista que recebe no seu túmulo a romagem que Paris faz a Musset ou a Hugo?

A pobreza, hostil à própria concepção e realização da obra-prima, acabou-se; todas as épocas, as mais áureas, registaram angustiosos exemplos de homens ilustres que criaram beleza, a morrer de fome.

O desamparo, a invalidez, a velhice agreste e atribulada, paciência!

Mas o mais cruel é o português ignorar as suas glórias artísticas e literárias, viver e morrer sem ne-

nessidade de Beleza, e portanto sem conviver espiritualmente com as obras primas nacionais e com os seus criadores.

Nada mais lancinante, índice mais negro do nível mental de um povo.

Por isso andou muito bem o coronel sr. Pereira Coelho, vereador do Pelouro dos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, ao apresentar a proposta, aprovada em sessão pública de 15 de Agôsto de 1935, em virtude da qual se determina, que, de ora avante, os dísticos toponímicos a colocar nas novas vias públicas, bem como aquêles que se forem pintando de novo, tenham por baixo do nome da rua uma legenda curta mas esclarecedora do acontecimento ou da figura que se nomeia no dístico.

O sr. Pereira Coelho, que, em todos os seus actos públicos e íntimos, dá sempre mostras de sensibilidade excelsa, ou êle não fôsse, como é, um feliz intérprete do sentimento nacional, — sentiu bem quão distante das suas glórias anda em geral o português. A sua vibratibilidade espiritual, com delicadezas que aos intelectuais acrescentam o penoso choque da vida, deve ter-se pungido muita vez ao verificar o grosseiro desconhecimento que das suas celebridades tem a nossa gente.

Êle sabe muito bem que com a mesma indiferença com que hoje o transeunte olha para a rua de Manuel Bernardes ou se refere a S. Domingos de Benfica, lerá ámanhã, daqui a um século, os nomes de Eugénio de Castro ou de António Nobre, no dístico de uma rua.

Não se reduz essa proposta ao significado da corrente actividade de um vereador no exercício do seu pelouro.

Há mais. Há a comovida e comovente compreensão, certeza de como são desconhecidos de Portugal os Portugueses célebres.

Houve, certamente, esta iniciativa cultural, o enternecido objectivo de assegurar plenamente a única glória que da Pátria podem esperar os seus grandes homens: o nome à esquina duma rua.

Longe de mim a ilusão de que o povo português, antes de automatizada a toponímia, aproveite a sintética lição do dístico embora esclarecido pelo respectivo e resumido *curriculum-vitae*.

Ao menos, ante qualquer estrangeiro que lhes pregunte quem foi o grande homem, os moradores e transeuntes salvar-se-ão da vergonha de confessar que ignoram quem haja sido Camões.

Assim tem de proceder-se para acudir à ignorância que os pósteros pudessem vir a demonstrar ante o nome de Ramalho.

A lenta, instintiva revisão de valores da nossa literatura contemporânea não só vai confirmando — o

que já é muito — a celebridade de Ramalho como a vai desoprimindo de secundarismos de género, impondo-o à classificação de escritor de primeira plana. Essa revalorização ha-de continuar, e êle ficará um dos mais victoriosos dos «*Vencidos da Vida*». Garantem-lh'o a sua obra sádia, a influência social, a pureza da prosa, a perfeita harmonia entre a obra e a vida. Será cada vez mais admirado e mais lido. Se a obra influiu na sociedade do seu tempo, a sua vida é boa influência para as almas de todos os tempos.

Relatando-a, encontramo-nos com um breviário de carreira, resumido, portatil que a nossa devovoção pode levar para a jornada. Tôda e qualquer página de Ramalho reza daquêle Portugal que foi outrora o país onde a glória nunca se envergonhou de andar de braço dado com a pobreza.

II

A figura de Ramalho

A moldura dessa alma era a figura mais másculamente elegante de quantas assistiam na Lisboa do último quartel do século XIX! Um homem forte, de toráx talhado em peitoral de armadura, cabeça erguida, fronte despedida, olhar leal, sempre barbeado, sempre cuidadosamente vestido, pisando as calçadas como quem transpõe os umbrais da vida compenetrado do seu direito. Estou a vê-lo, de volta da Ajuda, subir a Rua do Alecrim, a largas passadas de quem sabe respirar, os braços descansados na bengala passada pelas costas, e a gravata desenhando a curva helénica do esterno. Invadia a cidade e o país, na serena consciência da sua fôrça e do seu poder, hercules que desceu à rua para combater e para dominar. Simultâneamente, um certo alheamento de iluminado e um latente interêsse pelo mundo das coisas belas e as coisas da sua terra. Era, em verdade, uma estatura inconfundivel das que não se difundem no nevoeiro das multidões. Podiam transportá-lo da reduzida congosta do Chiado para a nevrose da Rua Rivoli ou do *Strand* que Ramalho sobrenadaria sempre. Tive disso a prova provada uma vez que fui visitá-lo ao Hotel Regina, na Place Rivoli, onde esteve uma temporada, hóspede de seu filho. Duas da tarde. O guardavento circular do *Regina* andava numa dobadoura. O *hall* era um arranzel poliglóta movendo-se vagamente numa nuvem de fumo. Dirigi-me ao *bureau*. Sem grande esperança. Os porteiros ou os *bureaux* dos grandes hoteis respondem sempre às vèssas; quando dão o hóspede em passeio, é certo que êle ainda não se levantou da cama; se o declaram no quarto ou à mesa, póde apostar-se que o hóspede longe irá se bem correr. Ao próprio pessoal dum dêsses hoteis de primeira ordem não é às vezes

fácil dar com o hóspede, tendo os *grooms* de percorrer os *halls* e as salas, pregoando: «*Monsieur...!*» «*Monsieur...!*»

Mas o único processo ao nosso alcance, quando se quer visitar hóspedes dêsses hoteis, ainda é preguntar por êle e insistir em que mandem vêr se o encontram. Dirigi-me, pois, ao *bureau*. Pela primeira vez em vida minha, obtive uma resposta imediata, precisa, dada com tôda a segurança. Foi esta:

—*Monsieur Ramalho vient de sortir à l'instant, avec sa pélérine*—, e o empregado do *bureau* concluiu a informação, desenhando com um gesto o chapéu de fêltro, um tanto *mousquetaire* de Ramalho.

Aquela elegância tão pessoal, sem banalidades de figurino, não passava despercebida naquêle mundo de incaracterísticos milionários e sombras brazonadas. Não era um hóspede, era um vulto. Não se escoava,—caminhava. A sua estatura era o triunfo em marcha.

Só uma vez o vi curvado: na câmara ardente de Rafael Bordalo Pinheiro, o salão de trabalho do imortal caricaturista, apenas sem o bufete central, tal qual como nas horas em que ali se palrava e se ouvia a gargalhada do próprio creador, o primeiro a rir com a sua obra, ao encontrar a fórma definitiva duma idéa caricatural. O corpo de Rafael repousava no caixão, colocado em cima de forte mesa de desenho, puxada ao ângulo das janelas, o mesmo canto onde tanta vez o vi desenhar, ao favôr da luz, agora alumiado por dois tocheiros e a resignação do Senhor Crucificado. No salão contíguo os intimos desanojavam a família. No pequeno corredor da entrada, aberta a porta de comunicação para o salão de trabalho, amigos, artistas, escritores velavam. Noite, nove horas talvez, o sussurro das condoídas evocações estancou a subitas. Era a aparição do prestigioso passado: Ramalho que entrava, empalidecido, sobrecasaca preta. Sob um silêncio de continência, Ramalho avançou com aquela sua pausada serenidade, direito ao corpo; a meio do sobrado, dobrou o joelho, o chapéu alto espécado na sua inseparável bengala, e rezou com uma emoção em que devia soluçar meio século de fraterna camaradagem.

Afóra quando se debruçava para beijar coração amigo que baqueava, Ramalho era a alegria e a saúde. Grandes chapéus, grandes bengalas, grandes roupagens, pantalonas soltas, e aquêle ar leal dos homens que tomam diáriamente banho, e olham sem mêdo a luz do sol e as responsabilidades da vida. Creio que jámais alguem o viu com a barba por fazer, com frio ou a lamentar-se. Quando se enrolava numa capa dir-se-ia que era apenas para ensinar como se atira, com elegância, para o ômbro esquerdo as varas de briche que sobram da espadua direita. Se escrevia era para

admirar, para acusar ou para ensinar.

Como Nun'Alvares, quando não erguia a espada, elevava catedrais.

Êle bem dizia que, da privança com seu padrinho Frei José do Sacramento e com o velho servidor Manuel Caetano que alcançara as cinco divisas da fardeta correspondentes a cinqüenta anos de serviço militar, acumulando-os com o serviço daquela casa, ficara *para todo sempre um tanto frade, um tanto soldado.* Manuel Caetano, que, ao acompanhá-lo a Coimbra, lhe descreveu no lugar da acção a Campanha do Bussaco em que entrára, foi a influência batalhadora, o mestre prático da energia. Frei José, com a sua vida pautada, o asseio do seu quarto, perfumado tôdo o inverno a ramos de violetas, que tinha *«a ordem meticulosa de uma céla»*, as suas gavetas que *«eram uma maravilha de arranjo»*, os seus hábitos de letrado *«escrevendo quotidianamente oito ou dez horas no vão de uma janela, em cujo peitoril havia uma merediana*, e a sua fôrça física educada a ponto de fazer *«um fueiro a enxó, tendo-o suspenso na mão e aparando-o como se apara um lápis* (1) foi, pelo exemplo, o prégador da modestia a que não faltava elegância, do recolhimento, do trabalho e do método. Aproveitou-lhe.

A autoridade para criticar a pelintrice dos postiços do seu tempo emanava da inteireza com que se dirigia a si próprio e da rigidez porque pautava os seus actos. Entrou em Lisboa, como em tôda a parte, de cabeça erguida, sem pedir emprêgos aos políticos nem dinheiro aos banqueiros. E Deus sabe! Senão foi difícil essa hora em que transferiu, para a capital, a casa e a família. Êle mesmo me contou êsse honrado lapso da sua vida, até agora inédito, num dia em que passámos horas esquecidas, a conversar. Certa tarde cinzenta e quente de inverno, Ramalho bateu ao ferrôlho do meu refúgio da Rua de l'Arcade. Quando a sua dominadora figura surdiu da bocêta do ascensor e me entrou pelo meu pequeno *appartement* de emigrado, imaginei que êle não cabia lá. Mas coube. Gostou até do meu reducto, tanto que me disse:

— Agora não, que tenho a família em Paris. Mas quando ficar *en garçon*, venho para aqui. É muito central, muito cómodo!

E como a minha mesa de trabalho guiasse a conversa para as letras, Ramalho, vendo-me a trabalhar num livro, discordou:

— O momento é para o panflêto.

— Mas onde está o editor, a emprêsa?

— O editor?! A emprêsa?! Isso não é preciso para nada.

---

(1) Auto-biografia de Ramalho, escrita em quatro meias-fôlhas de almaço encontradas, à sua morte, numa gavêta.

—É preciso pelo menos dinheiro para montar a engrenágem da expansão...

— Qual! Eu fiz *As Farpas* sem cinco réis. Escreve-se, imprime-se e põe se à venda, e anda-se para deante. Nunca lhe contei isto?

— Não.

— Ah! Foi assim. Eu vivia no Porto. Tôdos os anos ía a Lisboa, passar uma temporada com uns primos que lá tinha. Numa dessas férias, um amigo meu, disse-me: «Sabes? Vagou um lugar de oficial na Real Academia das Ciências. Talvês te convenha. Era ocasião de vires viver para Lisboa!» — Ora! aceitei radiante. Já nem fui ao Porto. Escrevi à minha mulher: — «Vimos viver para Lisboa. Desmancha a casa. Traze os tarécos e os pequenos». Mas era preciso dinheiro para a instalação e transporte dos móveis. Eu podia pedi-lo ao Daupias, com quem jantava tôdas as semanas. Não quiz. Encontrava em casa do Daupias sujeitos que desapareciam ao fim de dois jantares, certamente por lhe pedirem e não pagarem o dinheiro emprestado, e repugnou-me que êle me confundisse com tal gente. Peguei nas pratas, parte de algumas padiólas que de casa de meu avô se tinham distribuìdo pela família, e fui com o meu assucareiro, com o meu bule e com os talheres ao Montepio, levantar quatrocentos mil réis. Confiando pouco na minha memória para estas coisas, pedi que me avisassem da data em que fôsse forçoso pagar os juros, recomendando que me mandassem o aviso para um estanco, próximo da casa para onde fui morar, ao estabelecer-me em Lisboa, à Rua de S. Bento. Assim mo prometeram, e fui-me embora não tornando a pensar nisso. Sucedeu, porém, que a casa não era higiénica, os pequenos adoeceram e eu mudei para os Caetanos. Mudando de casa, mudei de tabacaria, é claro. Um belo dia, um domingo, entro na Havaneza e entregam-me uma carta com muitos carimbos, e já enxovalhada de correr atrás de mim. Era o aviso do Montepio, para pagar os juros na iminência do leilão. Corri à Rua do Ouro. O leilão continuava, mas as pratas já tinham sido vendidas. Fiquei aborrecidissimo, sem saber como havia de dizer à minha mulher que já não tinhamos bule nem colheres de prata. Ralhei comigo: — *«Isto é uma vergonha! um homem de quarenta anos, pai de filhos, a empenhar coisas!»* E jurei a mim mesmo que não me levantaria da minha cadeira de trabalho sem ter depositada, naquêle mesmo Montepio, uma quantia igual àquela que havia perdido. Assim foi. Publiquei as *Farpas*. Depois de lá ter os primeiros quatrocentos mil réis, tomei-lhe o gosto, e fui economizando, economizando até juntar uns contos de réis que empreguei depois em títulos dos Tabacos. Quando agora deixei os meus dois pequenos lugares, o da

Academia e o da Ajuda, escrevi ao meu filho para êle me colocar essas economias na casa dêle, onde sempre dariam maior juro. Respondeu-me: *Há muito que desejava propôr-lhe isso mesmo, mas não queria que o Pai supuzesse que era necessidade de capital para a minha casa.* E lá estão essas migalhas na casa do Vasco.

O homem que me contou esta linda página da sua vida, foi o mesmo que descreveu a vida de António Rodrigues Sampaio.

Ramalho fez mais do que esfumar o conhecido Sampaio do *Espectro*—levantou-lhe o monumento. Sôbre uma vasta superfície de humildade, evocatória do berço, embalado por pobrinhos lavradores de S. Bartolomeu do Mar, largos degráus de graníteo trabalho: mestre de latim, prégador de prima tonsura, conspirador, patuléa, exilado político, jornalista, deputado, conselheiro do Tribunal de Contas. Depois um polígono cinturado de baixos relevos: o Sampaio polemista, o Sampaio afectivo, o Sampaio homem de espírito e homem de acção, o Sampaio estadista, o Sampaio carácter, o Sampaio alma, o Sampaio da *Revolução de Setembro*, o Sampaio glória. Por fim, a estátua em tamanho natural, figurando o Sampaio bonacheirão e atlético, na atitude em que, do seu lugar de ministro do Reino, respondeu às Câmaras, que durante quatro semanas o crivaram de alusões ao *Espectro*: — *Se a câmara entender que há alguma espécie de incompatibilidade entre as ideas que aí se acham expostas e a minha presença nos conselhos da coróa, eu retiro-me porque prefiro a honra de ter escrito êsse livro à glória de estar sentado nesta cadeira* (1).

Envolve o monumento uma cêrca de bronze, tarjada por soluçante escumilha, a que Ramalho opôs esta elevada legenda: *um homem que eu sinceramente amei* (2).

Tôda esta concepção assenta no critério de que, quanto a êle, a glória de Sampaio está na sua obra de escritor, que não na sua obra política, a pontos de nos relembrar que só *os pequenos escritores é que dão em geral os grandes estadistas e que são os «rates» da arte que constituem os eleitos da política* (3). Tendo-nos deixado de joelhos ante a memória de Sampaio, Ramalho faz-nos ajoelhar também deante destas enternecidas e nobilíssimas palavras:

Enquanto António Rodrigues Sampaio foi vivo, não pude nunca testemunhar publicamente a admiração que os seus merecimentos me inspiravam. Dada a influência que êle jámais cessou de ter, quer como go-

---

(1) *Farpas* — 2.ª Edição, 3.º volume Pág. 283.

(2) Ibid., ibid. — Pág. 277.

(3) Ibid., ibid. — Pág. 284.

vêrno, quer como oposição, na distribuição dos galardões oficiais, a galeria confundiria fàcilmente as minhas opiniões de crítico com as minhas ambições de candidato a empregado público (1).

Tanta nobreza na amizade recorda-me est'outra amostra da isenção que perfumou a vida tôda de Ramalho Ortigão. Renome feito, queridíssimo aquém e Além Atlântico, Ramalho foi ao Brasil, de visita. Recepção de príncipe embaixador! Houve casas opulentas e elegantes como a da Sr.ª D. Verediana Prado, mãi do erúdito amigo d'Eça e de Ramalho—o Dr. Eduardo Prado—que encarregaram Paris de renovar as librés da criadagem para a festa de honra a Ramalho, e que por duas alas de escudeiros, de calção e meia, com brandões acêsos, lhe mandaram alumiar desde a grade da Xácara ao tópo da escadaria do palácio. Preguntado Ramalho sôbre as impressões doutra gala paulistana, respondeu:

— Ah! o rajah! Magnífico!...

A mentalidade brasileira levantou-lhe arcos triunfais, a alma magnânima da colónia portuguesa, arvorou a flamula da pátria saudade.

Depois disto, tanto Portugal, como o Brasil, esperavam que o autor da *Hollanda* e do *John Bull*, enlivrasse as suas remembranças do Cruzeiro do Sul em sensacional volume. Os editores disputaram o original. Ramalho recusou-se a escrever. O Brasil que êle encontrou foi o do Império, um Brasil já em marcha para o progresso, mas distante do que é hoje. Uns livreiros de S. Paulo fizeram-lhe esta proposta, bem tentadora para a época: doze contos, uma pequena fortuna. Pois Ramalho continuou a recusar, simplesmente, com tôda a independência, todo o respeito pela sua gratíssima amizade ao Brasil, e todo o respeito pela sua honra de escritor, incapaz de denegrir, como incapaz de lisongear.

Êste aprumo moral com que atravessou a existência era de tal maneira evidente que dêle se apercebeu um rapazola que não se inculcava nenhum observador — um simples aprendiz de relojoeiro. Havia e creio que ainda há ali ao Calhariz, um relojoeiro que grangeava proficiente e probamente o pão de cada dia, na sua lojinha de uma porta. Era êsse o relojoeiro de Ramalho. O bom do homem já tinha um filho adextrado no seu mister. Um dia fôra êsse filho a casa de Ramalho consertar um relógio de parede. Enquanto êle, trepado numa escada, cuidava do maquinismo, Ramalho meteu conversa:

— O seu pai trabalha há muito ano...

— Há um 'rôr dêles!

(1) Ibid., ibid. — Pág. 292.

— Ao tempo a que trabalha, já deve ter o seu vintém.

— Não, senhor. Não tem nada! O pai é bem verdade que tem trabalhado muito e é económico. Não gasta cinco réis mal gastos, é tudo com muito tento, mas... é honrado.

E relanceando um olhar pela casa, o rapaz encarou Ramalho, e rematou:

— «Que o sr. Ramalho também deve ser honrado!»

Lá lhe pareceu que homem daquele estôfo, trabalhando como era notório e não sendo nenhuma criança, vivendo naquela modestia, só sendo honrado.

Todavia, Ramalho tinha bem a noção da sumptuosidade. Tôda a sua obra atesta gôsto pelas coisas elegantes e artísticas. É abrir as *Farpas*, que as provas saltam aos punhados. É relêr a vida do nosso diplomata Visconde de Paiva que, exausto da *frenética valsa da morte, que foi a vida palaciana do segundo império*, se enforcou no docél do seu leito de ébano e cortinas azues; ouvir-lhe contar a dissipação de Paiva d'Araújo, que deu o nome à famosa *cocotte* e, depois de ter desbaratado milhões no amor e no *baccarat, pregou os miolos com três balas no tecto de um appartement «garni»*; ou o romance de Manuel Brown que, tendo feito a batalha da Criméa e a peregrinagem à Terra Santa, a pé, de sandálias, esclavina e bordão, acaba no Pôrto, de *delírio alcoólico, conduzindo cadeiras que tomava por princesas, a um baile fantástico no seu quarto de dormir, forrado por uma tenda de campanha* e apenas decorado por uma múmia e um leão vivo. Mas de tôdas essas páginas, as mais ricas de côr e de sumptuosos pormenores são as que êle gasta com Jerónimo Colaço que, atacado pela *nevrose* do *boulevard*, morre aos trinta e nove anos, encanecido e cardíaco, tendo conseguido viver a mais brilhante das elegâncias durante dez anos, apenas com quinhentos contos, que sempre considerou dinheiro d'algibeira.

Ramalho, como artista que era, tinha a noção do fáusto, mas tinha também a noção do preço da sumptuosidade, o que exprimiu desta forma um dia em que nos chegou a Paris a notícia de que uma dama de Lisboa, aliás reputada milionária, ia dar uma festa japonesa:

— Está doida! — comentou irritado — Tem lá fortuna para poder dar uma festa japonesa!...»

O equilíbrio das suas posses com a sua vida, da sua acção com a sua mentalidade, das suas páginas com as suas idéas, dos seus prazeres com o seu carácter, leva-o Ramalho até ao fim, inquebrantavelmente. Nele tudo foi forte e íntegro: o gôsto, o vigor mental, a dignidade do viver, o bom senso, a elegância da sua figura e da sua prosa, que não acusa decadência antes se classifica com a idade, a sua conduta cívica, a sua conversa e a sua marcha.

III

A obra, a vida e a morte de Ramalho

Nunca envelheceu. Os homens de talento, como as mulheres de espírito, não envelhecem. Recomeçou a sua carreira de escritor, retomando a colaboração na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, na mesma idade em que Vítor Hugo entrou em Paris, disposto a novas batalhas. Essa curiosa coïncidência, o próprio Ramalho a recorda elegantemente. O pai Hugo, sôbre o jantar com que, na casa de Paris, depois da queda do Império e da proclamação da república, solenizou o seu regresso do exílio de Guernesey, *encostado à chaminé do salão, tendo instalado em auditório os seus convívas, e dispondo-se a lêr os últimos versos que escrevera, como de costume, em grandes fôlhas de incorruptível papel de linho, impavido, quási insolente de saúde, de resistência e de mocidade, principiou por êste breve exórdio: — «Messieurs, j'ai soissante quatorze ans et je commence ma carrière.»*

Ao pegar na pena para de novo me dirigir, depois de tão longa e saudosa ausência, aos meus antigos leitores da «Gazeta de Notícias», alegra-me que uma leve analogia — puramente cronológica apenas — me permita encetar auspiciosamente esta pâgina por palavras idênticas às do mais glorioso mestre.

«Meus senhores, tenho setenta e quatro anos e recomeço a minha carreira.»

E, como de Vítor Hugo, Ramalho podia ter dito que o fazia também *impavido, quási insolente de saúde, de resistência e de mocidade.* Neste homem nenhum sinal da senectude deu visìvelmente rebate de idade avançada. Nem despêgo do vestir, sempre másculo e sem retrazos da moda que marcam a idade dos janotas decadentes. Nem o porte — caminhou sempre com a mesma firmeza, a mesma imponência *ramalhal.* A sua miologia nunca conheceu a laxidão, a cabeça nunca teve a tremura senil. Até ao fim, cuidou da sua higiene moral, com ritos de juventude. Um sobrinho dêle, portuense, e que fisicamente reproduzia o seu tipo de barba e os seus figurinos, testemunhou-mo neste episódio de família. Vindo a Lisboa, fôra aos Caetanos visitar os tios, ao anoitecer, disposto a jantar lá.

— O tio José? preguntou.

— Vem já.

Daí a pouco, Ramalho apareceu vestido de *smocking*, e grande rosa na botoeira.

—Ah! Vai jantar fora... que pena!

— Vou jantar contigo, nesta tua casa.

— Vi-o assim bonito...

— Estava um pouco murcho e fui fazer *toilette.*

— Isto sucede muitas vezes! acentuou a Senhora D. Emilia Rama-

lho Ortigão — Quando está menos bem disposto, reáge.

Neste pequenino quadro familial se vê como aquele espírito repelia o abatimento. E posso dizer que êle mesmo nunca se reconheceu velho, e que a sua higiene moral proíbia a êsse receio o acesso ao seu pensamento, por êste conselho que me deu uma noite, enquanto fumavamos o charuto do jantar:

— «Nunca se confesse velho a si mesmo!»

No mundo das letras só uma figura conheci que se lhe podesse emparelhar — Artur Mayer, o director do *Gaulois*, autor do *Ce que je peux dire* e do *Ce que mes yeux ont vu*. Era um homem da idade, da estatura e do porte de Ramalho, o mesmo talho de barba, apenas um pouco mais algodoada. Impenitentemente tradicionalista, nunca reconheceu os *boulevards*. A tal ponto que, vivendo no mesmo edifício do *Gaulois*, à esquina do *faubourg* Montmartre e do *boulevard*, tinha à mesa do trabalho as costas voltadas para o exterior.

— Para mim, isso, que para ahí está e a que chamam os *boulevards*, continua a ser o caminho para Longchamps — dizia-me êle.

Uma tarde tive a honra de ser recebido no seu salão — o último *salon* de Paris —, frequentado pela graça e a elegância femininas do *Faubourg S. Germains*. Encontrei-o, e era janeiro, vestido de pantalona aos quadrados pretos e brancos e sobrecasaca preta, recebendo de pé encantadoramente parisiense, janota e môço.

Lembrava Ramalho, mas com vantagem para êste que todo êle inculcava a força do prosador são. De facto, a prosa de Ramalho tinha a frescura e a limpidez da triunfal maturidade, a saúde, a inquebrantibilidade e a nobreza dos caracteres de tôdas as idades. A documentar a incorruptabilidade dessa nobreza moral está, nessa mesma primeira carta aos leitores da *Gazeta* fluminense, a passagem sôbre a busca que, aos dois dias de proclamada a República, o Governador Civil de Lisboa ou alguem em seu nome mandára fazer à casa de Ramalho, ausente numa quinta dos arredores, para ver se lá estavam alapardados jesuitas. Conclue assim:

«Da parte do Sr. Governador uma única coisa me penaliza. É que S. Ex.ª não conheça suficientemente o que em fisiologia chamariamos a idiosincrasia dos homens de bem. Se a conhecesse S. Ex.ª fàcilmente descobriria, sem necessidade de incomodar os seus meirinhos, que se alguem me tivesse feito a honra de procurar refúgio sob a protecção das minhas telhas e da minha honra, eu não teria ido vilegiaturar no campo; ficaria na minha casa, para nela defender contra qualquer espécie de violência, compreendendo a da fôrça bruta, a inviolabilidade do meu lar e o meu direito de asilo».

Mais uma lição de elegante vigidez moral! Mais uma página dêste breviário de carreira! E para nós, escritores, a maneira como até ao fim manteve o seu horário de trabalho é também e ainda uma lição mestra. Pedindo-lhe a honra da sua colaboração para o número 1 de fevereiro de 1913, do semanário *O Correio* que, de Paris, Alvaro Pinheiro Chagas e eu redigiamos, fazendo-o imprimir no Pôrto, Ramalho acedeu com aquela prontidão dos homens que não servem os seus amigos com favores mastigados. Preguntei-lhe a que horas queria que fôsse pelo original.

— Depois das oito da manhã, a que horas quizer. É a minha hora de começar a tarefa.

E contou-me:

— Tenho êste hábito de trabalhar cêdo, há muitos anos. Eu estava em Paris, a passar uma temporada. Era inverno que nesse ano foi excepcionalmente rigoroso. Discutia-se o frio. Girardin, vendo que eu não era dos mais queixosos, preguntou-me: *«Como! Não tem frio?... A que horas se levanta?»* Nesse tempo, costumava erguer-me às nove, nove e tal. Mas receei que não fôsse bastante elegante e respondi: — *«Nove e meia, dez...»*. Girardin poz-me a mão no hombro e disse: *«Jeune homme! Un homme de lettres que às seis horas da manhã não está abancado a escrever, nunca escreverá coisíssima nenhuma!»*. Depois disso, nunca mais deram oito horas que não me encontrassem a escrever.

Efectivamente, quando nesse fim de Janeiro de 1913, numa manhã de neve fui à *Pension St. Honoré d'Eylau, á Place Victor Hugo*, buscar êsse manuscrito, Ramalho estava abancado à sua mesa de trabalho, em *coin-de-feu*, fumando um charuto e retocando os últimos períodos dêsse trabalho que forma hoje o capítulo XVII das *Últimas Farpas* e que êle me recitou com aquela voz grave, instrumento das mais belas convicções.

O segredo da obra que nos legou está um pouco nêsse método de trabalho, tomado como profissão e como culto, subordinado a horas, e inspirado no milagre da continuidade. Êle mesmo nos confiou êste episódio que é um símbolo do valor do trabalho sem desfalecimentos, sem hiatos de preguiça, nem as soluções de continuidade da antiga boémia que deitava para as costas da Musa a responsabilidade da produção.

Ramalho ia a Vila Nova de Gaia visitar um amigo. Ao transpôr a ponte pensil, viu adiante de si uma lavadeira, com a trouxa de roupa à cabeça. Em duas pernadas tomou-lhe a dianteira, e, durante uns bons dois terços de légua, não tornou a enxergar a mulhersinha. A certa altura, Ramalho teve de parar, a tomar inculcas ao caminho: tempo de bater à porta de quinta e ouvir o caseiro guiá-lo:

— «Olhe, meu senhor: vos'soria vai por essa estrada *adiente...*»

Nisto, a lavadeira passou e deixou-o ficar para trás. No seu passo miudinho, pertinaz, constante, a pobre de Cristo vencera o hércules caminheiro. Êste exemplo prático do que pode o trabalho continuado, do que é a vitória dos poucochinhos seguidos, calou-lhe no ânimo, aproveitou-lhe, traduzindo-o nesta divisa: *trabalhar todos os dias para uma vida de cem anos.*

O que fez êsse homem dessa longa vida?

Fez uma obra, cujos efeitos hão-de ser ainda maiores no futuro do que o fôram no passado, obra de missionário laico que aponta os defeitos para que a raça se cure dêles e que alumia as belezas da pátria, para que o Português, depois de ajoelhar ante o retábulo da sua epopeia e do seu tesouro artístico, se erga altivo, digno e capaz de continuar o seu grande destino. Atacou. O quê? Os ridículos, a rotina, a tolice, o conselheiro Acácio a quem nunca perdoou e a quem no fim da vida disse cara a cara o que escrevera trinta anos antes. Foi na inauguração do monumento a Eça de Queirós. Estava a Política, a Sociedade, a Burguesia e a Côrte. Ramalho evocou a campanha das *Farpas* e, referindo-se às suas estocadas, recordou as que cravara nos monos de palha *que eram os inúmeros conselheiros Acácios que decerto não consegui exterminar e alguns dos quais me estarão ouvindo*, acrescentou. E estavam.

O seu ataque dirigia-se a aspectos da vida social sua contemporânea. A par dessas pontuadas, cantou a Pátria, com são e másculo enlêvo, com o convicto amor de quem a palmilhara de norte a sul, aldeia por aldeia, monte por monte, chãs e ravinas, serra e água, e portanto a conhecia bem, e com o amor que só dá o íntimo, profundo conhecimento das coisas e das almas.

Em carta para a filha, Senhora D. Maria Feliciana de Ortigão Burnay, quando andava com o marido, o meu saùdoso amigo, dr. Eduardo Burnay, em viagem de núpcias pelo norte do país, Ramalho mandava saùdades àquelas paragens *onde não há palmo de terra que não tenha impressa a minha pègada.*

Com êsse fervoroso enlêvo, nos descreveu a nossa paisagem, o bordado das nossas costas, o nosso campo, o nosso sol, o nosso céu. Foi um precursor do regionalismo. Melhor: foi o Silva Pôrto da nossa literatura.

Como é que dêsse homem e desta obra amorosamente portuguêsa, a sociedade do tempo fez um demolidor e uma demolição?

Por um processo de deformação muito explicável. Se Ramalho tem, como Fialho, ficado à porta do Martinho e das livrarias, a saborear os efeitos das suas flechadas, a Sociedade não lhe haveria transtornado a intenção e o objectivo, embora

não se esquecesse de malsinar uma e outro. Ora Ramalho era um dos *Vencidos da Vida*, amigo e colaborador de Eça, amigo do conde de Sabugosa, do conde de Ficalho, de Carlos Valbom, de Luiz Soveral, do conde d'Arnoso. A Sociedade não pôde deixar de o receber. A princípio escandalizou-se, mas como era do *meio*, não teve remédio senão escutá-lo, admirá-lo — embora de cór —, aclamá-lo, a-pesar-de o temer e de o não compreender. Daí a adoptar-lhe as frases, foi um ápice. E confundindo a parte com o todo, a Sociedade entendeu acompanhar a revolução — que eram os *Vencidos* —, dizendo com êles, e presumindo que, para ter talento e estar à moda, bastava dizer mal, denegrir. Mal de quê? De tudo. E quando Ramalho atacava um aspecto, a sociedade e o seu tempo, — no que êles tinham de condenável —, entendeu-se que êle atacava tudo. Assim se gerou a moda de se estranjeirar o gôsto, assim se passou a desfazer no que fôsse português e Portugal.

No terreno político, equivalente confusão se criou. Ramalho, agitando a bíblia dos *Luziadas*, convocou a nação a uma romagem. Os cérebros dêsse tempo entenderam que êle convocava para uma revolução. Ninguém lhes pôde meter na cabeça que era apenas o convite para o centenário de Camões, feito à Pátria, por um patriota lembrado e grato. Se Ramalho dissesecava os homens públicos, sem idéias, sem filosofia, sem programas, debatendo-se na memória ancestral de fórmulas a que se havia perdido o sentido, supunha que êle atacava o regíme. Mero equivoco.

Quem tiver dúvidas, abra as últimas *Farpas* e lá encontrará estas palavras escritas por um anceão, com solenidade de testamento:

«Nós nunca pensamos em provocar uma mudança de regímen...

«Molecularmente rebelde a todo o sectarismo, eu não posso ser senão muito moderadamente monarquico, e não sou nem nunca fui republicano, apesar de freqüentemente me acusarem de prófugo e de renegado os jornais dêsse partido, ligando a tal invectiva um tão grande desdouro do meu carácter como se fôsse para mim um opróbio ter acamaradado com êles.

Fica assim reduzida a uma confusão o passado republicano de Ramalho e a sua defecção, transfugindo para a monarquia.

O que êle tinha sido e cada vez se tornou mais conscientemente e mais convictamente foi anti-parlamentarista. Ainda aí precursor; o decano dos integralistas portuguêses. Hipólito Raposo contava me comovidamente a recepção que Ramalho lhe fizera, indo mostrar-lhe a livraria, onde figuravam as espécies nascentes da *Action Française*, as obras de Maurras, de Valois, de Banville, afirmando que aquêle homem de oitenta anos estava em

dia com o doutrinarismo dessa falange de novos, a quem êle dirigiu a célebre carta de *Um velho a um novo*, saudação da sua espada a uma geração.

Que nobreza não vai nas acusações que a si mesmo se fez, perante Hipólito Raposo:

— Os senhores, sim, que vão no bom combate! Eu, ao cabo da vida, olho em volta de mim e vejo que só deixo escombros.

Que estatura não precisa de ter o homem que, ao curvar-se numa galantaria, parece ainda maior! Só digníssima sinceridade, inspirando uma vida inteira, permite a alguém compreender e inclinar-se perante a sinceridade dos outros. Essa inflexibilidade nos trouxe aonde a êste aspecto. É essa unidade moral que aqui nos interessa, que não o episódio político. E, em verdade Ramalho conservou, até ao último fio da vida, todas as suas predileções e inclinações, morrendo a amar quanto em vida amara: os livros, a casa, os amigos, a Pátria, a ciência, a arte, a fé, a beleza, o espírito e o charuto. De amor nenhum eco há em tôda a sua obra senão do amor da Pátria. Nem sombra de mulher. A fé do monge, que demorava nêle, transfundiu o amor divino no amor pátrio. O trabalho foi para êle culto que mortificava as anciedades espirituais, e combate em que empenhava as qualidades do soldado que também reconhecia aboletar na alma. Nunca ambicionou riquezas terrenas. Nunca ergueu os olhos para um comando. Ascèticamente desprendido, resumiu a sua felicidade na terra ao ideal de todo o bom soldado de uma raça — servir.

Tratou os reis, tuteou a nobreza. E familiarizado com as mais antigas e opulentas vivendas palacêgas, nunca se sentiu mal na sua água-furtada pombalina, quási tão longe da rua como da Via Láctea.

Cinqüenta anos ali viveu, ali amou a família, os amigos, as idéias, as terras, as águas e os céus de Portugal. Na cela do monge assistiu sempre o sol e o sorriso. Êsse segrêdo de viver adentro dos seus meios sem se dar por desventurado, valeu-lhe êste balanço da sua vida, anos antes de morrer:

— «Há perto de meio século que vivo na mesma casa. Os meus proventos não têm aumentado. E todavia todos os anos estou um pouco mais rico, porque todos os anos leio mais belas páginas, vejo mais coisas belas, percorro mais terras, admiro mais paisagens, recolho novos cabedais de emoção e de arte!»

Nestes dois períodos deixou-nos Ramalho Ortigão a nós — homens de letras que vivemos em país onde melhor se paga ao pedreiro do que ao cinzelador de obras primas — o índice de viver felizes na nossa mediania.

Ramalho ensinou muito, até ensinou a raça a tomar banho e a caminhar sem parecer que andava à procura da cova. A sua figura era, só por si, uma prègação e uma propaganda pelo facto contra as olheiras do romantismo. Para que nada falte à sua obra de educador, ensinou-nos ainda a arte de ser pobre. Ensinou a ser-se independente na pobreza, a ser-se uma fôrça desembainhando apenas idéias, a ser felizes e poderosos apenas cumprindo deveres para com Portugal. Exercendo a filosofia, conservou sempre fresco o seu cérebro. O seu espírito foi um montante que nunca se enferrujou. A isso deveu êle o não ter envelhecido.

Quando adoeceu do mal que o prostrou, Ramalho encarou-o serenamente, sem medo nem espalhafato. Dispoz-se metodicamente para se retirar da vida, como arrumava os materiais da tarefa quotidiana ao retirar-se do quarto de trabalho. Não deixou um livro por entregar, uma carta por escrever. Devo a essa meticulosa preparação para o transe que ia seguir-se as últimas linhas que o seu punho firme e glorioso me endereçou. Não costumo publicar cartas que os mestres ou os camaradas de letras me dirigem sôbre trabalhos meus, repugnando-me fazer dos corações ou das generosidades amigas tabuletas editoriais. Mas essas laudas de Ramalho vou transcrevê-las, por serem ainda uma confirmação da sua elegância moral que lecciona a nossa admiração.

São de 1915 e rezam assim:

«Lisboa, 2 de Maio

Meu querido amigo — Tenho andado adoentado e estorvado de escrever, razão porque lhe não agradeci ainda, tão expressivamente como desejava, o prefácio do seu novo livro (1) *de que tão bondosamente me enviou uma prova. Recólho amanhã a uma casa de saúde, onde vou submeter-me a uma leve intervenção cirúrgica. Não desejo, porém, fazê-lo sem prèviamente lhe enviar o mais grato e enternecido abraço.*

Muito dedicado camarada e amigo,
RAMALHO ORTIGÃO».

Não ia para uma leve intervenção cirúrgica, mas a passos largos para a morte.

Salto em claro êsse martirisante período da enfermidade e desespero da ciência, as vãs esperanças da família, a assistência da Irmã Hospitaleira que lhe recitava às tardes orações escolhidas por êle, consoante a elegância literária que lhes encontrava, — tanto a forma é roupagem da idea e até da devoção! Salto essas angustiosas sema-

(1) *Em marcha — Carta de um Novo a um Velho.*

nas desde o florir das rosas à agonia outonal, à rendição e ao amortalhamento no negro hábito de S. Bento. deixo essas horas rôxas, de maceração do corpo, em que o roble ainda mantém a sua permuta com o oxigénio mas já verga para cima do leito, a ensaiar-se para dormir o imperturbavel sôno no acolchoado caixão, e vou segui-lo até ao cabo dêsse meio-século de oração mental na céla dos Caetanos.

Ramalho despenou a 27 de Setembro de 1915. Uma semana antes, meado Setembro, entrou no seu gabinete de trabalho, iluminado pela melancolia do outono. Espraiou a vista pelo estuário do Tejo, abraçou com os olhos, a prelibar da saudade, os seus queridos livros, deixou-se cair na cadeira de trabalho e, encostando-se à banca, murmurou soluçante:

— «É a última vez que entro aqui!»

Feita esta amara, crudelíssima despedida aos mais íntimos amigos de meio-século, ergueu-se e, a passadas firmes, saíu do templo para se dirigir ao Pantéon.

E assim é que, sempre que se evoca Ramalho — mesmo às portas da morte —, êle aparece-nos de pé.

JOAQUIM LEITÃO

Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário do nascimento de José Duarte Ramalho Ortigão no Museu Rafael Bordalo Pinheiro

A Exposição Bio-Bibliográfica comemorativa do primeiro centenário do nascimento de José Duarte Ramalho Ortigão, inaugurada a 24 de Novembro do ano transacto, no Museu Rafael Bordalo Pinheiro, focou especialmente a colaboração literária que o Ilustre Escritor deu a algumas obras de Rafael Bordalo Pinheiro, mas ostentou também obras dessa bela figura literária do Século XIX e documentos interessantes para o estudo da sua personalidade.

Embora seguindo veredas diferentes harmonizavam-se na finalidade a alcançar, êstes dois gloriosos Artistas ambos renovadores do bom gosto, desejosos de Beleza, de perfeição, altos espíritos, profundamente nacionalistas.

A primeira colaboração de Ramalho Ortigão data da época em que foi substituir Guilherme D'Azevedo no «António Maria» e «Album das Glórias», onde sob o pseudónimo de *João Ribaixo*, assinou biografias que acompanhavam retratos caricaturais.

Grande crítico de Arte, Ramalho Ortigão apreciou sobremaneira o esfôrço de Rafael Bordalo Pinheiro para renovar a cerâmica das Caldas da Rainha, dando-lhe tôdo o amparo de amigo, de admirador, de crítico de arte de grande envergadura e extraordinária lucidez.

Na Exposição figuraram alguns autógrafos de Ramalho Ortigão de muito interesse para bem apreciar fases da sua vida de crítico, o seu entusiasmo de viajante infatigável ancioso de motivos de Arte, a sua alta probidade literária, a sua paixão pelo seu labôr de escritor.

Também se viam na Exposição as primeiras edições de muitas das obras do notável Escritor no-

meadamente as de maior sucesso como as «Farpas», a «A Hollanda», «O Culto da Arte em Portugal», etc.

Dos originais, inéditos de Rafael Bordalo Pinheiro em que figura Ramalho Ortigão, que valorizavam a Exposição, deve destacar-se «Uma sessão da Academia», por nela se reconhecerem algumas das personalidades literárias, mais em destaque em 1870, que reunidas ouvem o parecer de Latino Coelho sôbre o famoso «Dicionário» da Academia; «Ramo Taborda», onde estão caricaturados tôdos os actores, actrizes, emprezários, escritores, poetas, etc.

A Exposição comemorativa compreendia reproduções em que se salientavam as provas de água-forte, a litografia «O Dente da Baroneza», alusiva à 1.ª representação da comedia de António Augusto Teixeira de Vasconcelos, além das inúmeras páginas de «O Binoculo», «A Berlinda», «O António Maria», etc.

Na parte iconográfica admirava-se um retrato a óleo de Ramalho Ortigão assinado por Columbano e um belo carvão de Thérèse Schwartze representando o Escritor em 1883, a quando da sua estada em Amsterdam, outro retrato a óleo da autoria do Artista Luiz Ortigão Burnay, neto do Escritor, etc.

Finalmente completavam a Exposição muitas obras de vários autores, alguns de nomeada, com referências ou estudos sôbre a sadia, forte e elegante figura literária que se chamou José Duarte Ramalho Ortigão.

Exposição do Primeiro Centenário do nascimento de José Duarte Ramalho Ortigão

---

Autógrafos de José Duarte Ramalho Ortigão

— Nove cartas dirigidas a Rafael Bordalo Pinheiro, s/d.

— Um cartão dirigido a Rafael Bordalo Pinheiro, s/d.

— Carta dirigida a sua filha Maria Feliciana, s/d.

— Duas cartas dirigidas ao Dr. Eduardo Burnay, s/d.

— Quatro cartas dirigidas ao Historiador Oliveira Martins, s/d.

— Uma carta dirigida ao Dr. Alfredo da Cunha, datada de 25 de Fevereiro de 1915.

— Uma carta dirigida a Eduardo Coelho, datada de 10 de Abril de 1883.

— Duas cartas dirigidas a Eduardo Coelho, s/d.

— Cinco cartas dirigidas a Sousa Viterbo, s/d.

— Uma carta dirigida a Sousa Viterbo, datada de 3 de Novembro de 1884.

— Carta dirigida a ?, datada de 21 de Dezembro de 1903.

— Cartão de visita de Carolina Micahëlis de Vasconcelos e Joaquim de Vasconcelos, autografado pela Escritora e por Ramalho Ortigão, s/d.

— Atestado passado por Ramalho Ortigão, a favor do amanuense da Real Bibliotheca da Ajuda, Guilherme Augusto D'Almeida e Silva, datado de 24 de Novembro de 1910.

Obras de José Duarte Ramalho Ortigão

— J. D. Ramalho Ortigão — «Litteratura D'Hoje», Porto/Typographia do Jornal do Porto/1868.

— J. D. Ramalho Ortigão—«Em Paris», Porto/Typographia Lusitana/1868.

— J. D. Ramalho Ortigão — «Historias côr de Rosa», Lisbôa/Typographia da Academia/1870.

— Ramalho Ortigão — Eça de Queiroz. «As Farpas» — 7 volumes. 1871-1883. 1.ª edição.

— Ramalho Ortigão — «As Farpas» — 11 volumes. Edição Corazzi.

— Ramalho Ortigão — Eça de Queiroz «O Mysterio da Estrada de Cintra/Cartas ao Diario de Noticias». Lisboa/Livraria A. M. Pereira — Editor.

— Tajemstvi / Silnice/z Cintry / Dopisy psané «Deunima Zpravodaji/«Portugalsky Napsali/Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão/Prelozil/Hugo Kosterka/Roman Prilhoa «Narodni politiky» — Nakladem vlastaim/1922.

— Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. «O Misterio da Estrada de Cintra» / Cartas ao Diario de Noticias / Livraria Horizonte/Belo Horizonte.

— Ginx's Baby — O Engeitado — Seu nascimento e mais desastres traduzido do inglez por J. D. Ramalho Ortigão/n.º 9 e 10 da Bibliotheca da Actualidade — 1874, Porto/Imprensa Portugueza — Editora.

—Ramalho Ortigão—Banhos de Caldas/ e/Aguas Mineraes/Com uma introdução/ de/Julio Cesar Machado/Desenhos de Emilio Pimentel/Porto/Livraria Universal/de/ Magalhães & Moniz — Editores — 1875.

— Ramalho Ortigão — As Praias de Portugal/Gaia do Banhista e do Viajante/ com desenhos de Emilio Pimentel/Porto/ Livraria Universal de Magalhães & Moniz/ Editores. 1876.

— Bibliotéca da Gazeta de Noticias/ Notas de Viagem/de/Ramalho Ortigão, Rio de Janeiro/Typ. da Gazeta de Noticias 1878.

— Bibliotheca Republicana Democrática/Volume IX/Theophilo Braga/Esboço Biográfico/por J. D. Ramalho Ortigão/ Lisboa/Nova Livraria Internacional. 1879.

— Ramalho Ortigão—Louis de Camões/ La Renaissance et les Lusiades/Preface d'une nouvelle edition des Lusiades, faites par le Cabinet Portugais de Lecture, de Rio de Janeiro, pour rappeler le troisième centennaire du poete de la nacionalité portugaise. Traduit du portugais par F. F. Steenackers/Lisbonne/Mattos Moreira & C.ª, imprimeurs-editeurs/1880.

— Programa da Celebração em Lisboa do Terceiro Centenario de Luiz de Camões/ Lisboa/Typographia Universal/1880.

— Ramalho Ortigão — A lei da Instrução Secundaria na Camara dos Deputados em Portugal/Rio de Janeiro/Tipografia da Gazeta de Noticias/1883.

— Hygiène da Alma / pelo / Barão de Feuchtersleben/versão portugueza de Ramalho Ortigão/terceira edição/augmentada com um prologo do tradutor/Lisboa/ Livraria de Antonio Maria Pereira. Editor/1883.

— Ramalho Ortigão—A Hollanda. Porto /Magalhães & Moniz — Editores / Lisboa Typographia da Academia Real das Sciencias.

— Idem/4.ª edição/1910/Parceria Antonio Maria Pereira / Livraria Editora / Lisboa.

— Idem/8.ª edição/1935.

— Ramalho Ortigão — John Bull/Depoimento de uma testemunha/Acerca de alguns aspectos da Vida e da civilisação ingleza/Porto / Livraria Internacional de Ernesto Chardron. Casa Editora. 1887.

— Ramalho Ortigão — A Fabrica das Caldas da Rainha / artigo extráto da Correspondencia do auctor para a «Gazeta de Noticias»/Porto/Typographia Occidental/1891.

— Exposição de Arte Sacra Ornamental/Promovida pela Comissão do Centena-

rio do Santo Antonio em Lisboa no Anno de 1895/Catalogo/da sala de Sua Magestade EL-REI/1895/Typographia Castro Irmão. Lisboa.

— O Culto da Arte em Portugal/Monumentos Architectonicos — Restaurações — Desacatos—Pintura e Escultura—Artes Industriais—O genio e o trabalho do povo —Indiferença official—Decadencia—Anarchia e esthetica — Desnacionalisação da Arte—Dissolução dos Sentimentos — Urgencia de uma reforma./Lisboa/Antonio Maria Pereira, Livreiro Editor. 1896.

— Ramalho Ortigão — Rei D. Carlos — O Martyrisado/1908.

— S. M. El-Rei D. Carlos I e a sua/Obra Artistica e Scientifica. Lisboa/Livraria Editora Guimarães & C.ª/1908.

—La Tragédie de Lisbonne/Dom Carlos /Martirise/par/Ramalho Ortigão /16/Rue Grange—Batelière /Paris/1908/Traduction de M. Philèas Lebesgue.

—Ramalho Ortigão—As Ultimas Farpas /Edição Livraria Bertrand. s/d.

—Ramalho Ortigão—Pela Terra Alheia, (Notas de Viagem) 1878-1910./Livrarias Aillaud e Bertrand/Paris-Lisboa.

— Ramalho Ortigão — O Conde de Ficalho. (Retracto intimo)/Lisboa 1919.

— Ramalho Ortigão — Quatro Grandes Figuras Literarias, Camões, Garrett, Camilo e Eça/3.ª Edição./Empreza Literaria Fluminense ld.ª.

Originaes de Rafael Bordalo Pinheiro

— «Croquis» a tinta, (Ramalho Ortigão) s/d. — «Alexandre Herculano, pag. n.º 17 do «Calcanhar D'Achilles», assinado e datado (1869).

— Folha D'Album, «croquis» a lapis, (Ramalho Ortigão) 1 de Novembro de 1869.

— Alexandre Herculano, pag. n.º 17 do «Calcanhar D'Achilles», assinado e datado 1870.

— «Ramo Taborda», 9 de Maio 1870.

— Projecto de Folha D'Album—«Album Maria» — 1870 (?).

— Uma sessão da Academia,—assinado e datado, 25 de Novembro 1870.

— Pagina de «A Parodia», 14 de Março de 1900.

— Prova da Gravura a Agua-Forte, 1.ª pag. do «Calcanhar D'Achilles», 1870.

— Prova da Gravura a Agua-Forte, da pag. 25 do «Calcanhar D'Achiles», 1870 — 2.ª prova tirada em 9 de Fevereiro.

— Chapa da Gravura a Agua-Forte, da 1.ª pag. do «Calcanhar D'Achilles».

Reproduções de desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro

— Litografia «O Dente da Baroneza», alusiva à representação da comedia do escritor Antonio Teixeira de Vasconcelos. 19 de Fevereiro de 1870.

— «O Binoculo», hebdomadario de caricaturas, n.º 4—10 de Dezembro de 1870.

— «A Berlinda» — Reprodução d'um album humoristico ao correr do lapis, 7.ª pagina — Conferencias Democraticas — 7/1871.

— «A Lanterna Magica» n.º 4 — 5 de Junho 1875.

— «O Antonio Maria» — 3 de Julho 1879 — Reaparição das Farpas.

Idem, idem, 28 de Agosto 1879 — A Literatura Realista.

Idem, idem, 25 de Dezembro 1879 — A nossa Caçada.

Idem, idem, 13 de Maio 1880 — Casos da Semana; Preparativos para o centenario.

Idem, idem, 27 de Maio 1880 — A Procissão civica.

Idem, idem, 3 de Junho 1880 — Preparativos para o centenario.

Idem, idem, 10 de Junho 1880 — O Tricentenario.

Idem, idem, 17 de Junho 1880—Chronica do Centenario.

Idem, idem, 24 de Junho 1880 — Modas e Progressistas.

Idem, idem, 8 de Julho 1880 — O banquete no Bairro Camões.

Idem, idem, 9 de Setembro 1880 — A Guilherme D'Azevedo.

Idem, idem, 16 de Setembro 1880 — Banhistas.

Idem, idem, 23 de Setembro 1880.

Idem, idem, 20 de Janeiro 1881—A Vida Alegre.

Idem, idem, 2 de Junho 1881—Os Portugueses no Cortejo Historico — A Commissão Portugueza em frente do Real Passeio.

Idem, idem, 15 de Setembro 1881.

Idem, idem, 22 de Dezembro 1881 — A' Folha Nova do Porto.

Idem, idem, 6 de Julho 1882—As Farpas.

Idem, idem, 29 de Outubro 1891 — Homens da Semana.

Idem, idem, 20 de Abril 1895—Madame Adam.

Idem, idem, 23 de Novembro 1895 — Sarah Bernhardt.

—«Pontos nos ii»—3 de Setembro 1885 — Ramalho Ortigão, A Hollanda.

Idem, idem, 3 de Julho 1886—O Palacio Burnay.

Idem, idem, 17 de Julho 1886 — Nas Caldas da Rainha.

Idem, idem, 14 de Abril 1887—As Farpas.

Idem, idem, 21 de Julho 1887—Literatto que veio e imperador que vae.

Idem, idem, 10 de Dezembro 1887 — Salve.

— «Album das Glorias» — N.º 6 — Maio 1880 — «Grande estylo na toilette e na escripta».

Idem, idem, N.º 32, Setembro 1882 — «O Soberano».

Idem, idem, N.º 34, Novembro 1882 — «Alma Mater — A Mamã dos Bachareis».

— A' Saude de Guilherme D'Azevedo — «Caldeirada»—Mená—, 30 de Agosto 1880.

Iconografia de José Duarte Ramalho Ortigão

Além dos desenhos e caricaturas, originais e reproducções da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro, expoz-se:

— Retráto de Ramalho Ortigão; desenho a carvão, original da pintora Holandeza, Thérèse Schwartze, Amsterdam, 1883. Dimensões: $0^m,56 \times 0^m,66$.

— Retráto de Ramalho Ortigão; oleo, original de Columbano Bordalo Pinheiro, 1886. Dimensões: $0^m,15 \times 0^m,19$.

— Retráto de Ramalho Ortigão; oleo, original de Luiz Ortigão Burnay. Dimensões: $0^m,63 \times 0^m,78$.

— Reproducção fotografica do Retráto de Ramalho Ortigão, desenhado por John Sargent. 1903.

— Fotografia de Ramalho Ortigão, de capa á hespanhola e chapeu alto.

— Instantaneo fotografico de Ramalho Ortigão, com trez netos.

— Fotografia de Ramalho Ortigão sentado, com um neto entre os joelhos.

— Fotografia de Ramalho Ortigão no seu Gabinete de Trabalho.

— Fotografia de Ramalho Ortigão, sentado, encostado á mão esquerda.

— Fotografia de Ramalho Ortigão, com dedicatoria autografa a Carlos Campos.

— Fotografia de Ramalho Ortigão, meio corpo.

— Fotografia de Ramalho Ortigão, sentado (Fot. Guedes).

— Fotografia de Ramalho Ortigão, sentado, com chapeu e bengala.

— Grupo fotografico dos «Vencidos da Vida» (interior).

— Grupo fotografico dos «Vencidos da Vida» (exterior).

— Grupo fotografico «Os Cinco»—Praia da Granja.

— Bilhete postal, Portugal — Retrátos escritores — 16, Ramalho Ortigão.

— Bilhete postal, «Celebridades Portuguesas», n.º 3, Ramalho Ortigão, por Celso.

— «Os Celebres na cama» — bilhete postal n.º 12, por José Leite.

Obras com referencias a José Duarte Ramalho Ortigão

— O Tyrannete Quental e Ortigão/ Porto/Livraria e Typ. de F. G. da Fonseca — 1866.

— A Literatura Ramalhada a proposito dos Senhores Castilho e Ramalho Ortigão por G. F./Coimbra/Imprensa Litteraria/1866.

— Anthero do Quental e Ramalho Ortigão por Alvaro do Carvalhal.

— Carlos Borges/Penna e Espada/Duas palavras ácerca da Litteratura D'Hoje de J. D. Ramalho Ortigão/Porto/Typographia Lusitana 1866.

— Rafael Bordalo Pinheiro/O Calcanhar D'Achilles/1870.

— Consciencia. — Carta aos Ill.mos e Ex.mos Srs. Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz. Redactores das Farpas por Samuel/2.ª ed. correcta e aumentada/Lisboa — Typographia do Futuro. 1871.

— Coléção completa do «O Antonio Maria» — 1879-1895.

— Album das Glorias. — 1880-1902.

— Julio Cesar Machado/A Vida Alegre/ Apontamentos de um Folhetinista/Livraria Mattos Moreira & C.ª/1880.

— «A Renascença» — Orgão dos trabalhos da Geração Moderna — Director, J. D'Araujo.

— Carta ao Sr. Ramalho Ortigão a proposito do Centenario Pombalino pelo Dr. Corrêa Barata.

— Coléção completa dos «Pontos nos ii». 1885-1891.

— Arte/Arquivo de Obras de Arte/1905.

— Almanach D'O Dia para 1905/2.º ano.

— Diario de Noticias/A sua fundação e os seus fundadores. Alguns factos para a Historia do Jornalismo Portuguez por Alfredo da Cunha. — Edição Comemorativa do Cincoentenario do Diario de Noticias. 1914.

— Fidelino Figueiredo/Historia da Literatura Realista, (1871-1900) Lisboa/Livraria Classica Editora, 1914.

— Hemeterio Arantes/Ramalho Ortigão/Livraria Ferreira/1915. Lisboa.

— Ricardo Jorge/Ramalho Ortigão/ Lisboa 1915.

— Catalogo Comico da Exposição de Belas Artes de 1916 por Francisco Valença e Carlos Simões.

— Albino Forjaz Sampaio/Grilhetas/ 1.º milhar, 1916.

— Visconde de Vila Moura e Antonio Carneiro, «Grandes de Portugal/Renascença Portuguesa/1916.

— Eduardo Burnay/Ramalho Ortigão, carta a Luiz de Magalhães/Lisboa/1916.

— Discurso proferido na cerimonia da inauguração dos «Bancos de Ramalho» na Serra do Gerez/em 28 de Julho de 1920 por Manuel Emygdio da Silva/Typ. do Diario de Noticias.

— Antonio Cabral/Eça de Queiroz/ 2.ª ed./1920.

— Eça de Queiroz — «In Memoriam»/ Parceria Pereira 1922.

— Os escriptores/Ramalho Ortigão a sua vida e a sua obra. Colecção Patricia/1926.

— Eça de Queiroz/Notas Comtemporaneas/Livraria Lello 1927.

— Historia «D'um Vencido da Vida» escrita por Fidelino Figueiredo editada pela Parceria Pereira/1930.

— Gomes Monteiro/Vieira de Castro e sua Tragedia/1932.

— O Desenho e as Mulheres no Labor Artistico de Rafael Bordalo por J. Saavedra Machado/Imprensa da Universidade Coimbra/1934.

— Joaquim Manso/Ramalho Ortigão/ Conferencia/Livraria Bertrand 1936.

— Le Portugal — Librairie Larrousse/ Paris.

— Fidelino Figueiredo/Estudos de Historia Americana/Editora-Proprietaria, Comp. Melhoramentos de S. Paulo.

Diversos

— Bilhete de identidade de José Duarte Ramalho Ortigão.

— Grande Album de Homenagem a Rafael Bordalo Pinheiro, oferecido ao Artista em 6 de Junho de 1903, colaborado pelas individualidades literarias, artisticas e scientificas portuguesas.

— Estatueta de barro cozido representando Ramalho Ortigão, da autoria de Eduardo Maia Elias.

— Recortes de varios jornaes com artigos sobre a personalidade de Ramalho Ortigão.

— Varios impressos anunciando publicações com a colaboração de Ramalho Ortigão.

Colaboradores da Exposição Ramalho Ortigão

— Academia das Sciencias de Lisboa.
— Biblioteca Central Municipal.
— Museu Rafael Bordalo Pinheiro.
— Dr. Alfredo da Cunha.
— Alvaro Neves.
— Edith Pinto Alves.
— Familia Azevedo Borralho.
— Familia Ramalho Ortigão.
— Francisco H. Oliveira Martins.
— Henrique de Campos Ferreira Lima.
— Joaquim Leitão.
— Dr. José Corrêa da Silva.
— Julieta Ferrão.
— Manuel Ortigão Burnay.
— Paulo Gustavo Caratão Seromenho.
— Dr. Rodrigues Cavalheiro.
— Rolando da Silva.
— Ventura Abrantes.

Bibliotecas Municipais de Lisboa

Movimento de leitores em 1936

Meses	BIBLIOTECAS													
	Central — (Palácio Galveias)			2.º Bairro — (Largo da Escola Municipal)			Alcântara — (Avenida 24 de Julho)			Poço do Bispo — (Palácio da Mitra)			Total mensal e geral nas quatro Bibliotecas Fixas	Itinerantes — 12 caixas-bibliotecas (b)
	Leitura		Total do mês	Leitura		Total do mês	Leitura		Total do mês	Leitura		Total do mês		
	Diurna	Nocturna		Diurna	Nocturna		Diurna	Nocturna		Diurna	Nocturna			
Janeiro	1.154	759	1.913	1.155	456	1.611	1.620	740	2.360	411	199	610	6.494	—
Fevereiro	937	644	1.581	1.056	350	1.406	1.212	523	1.735	348	185	533	5.255	—
Março	948	599	1.547	1.338	450	1.788	1.658	549	2.207	319	205	524	6.066	—
Abril	1.323	783	2.106	1.115	634	1.749	1.469	550	2.019	481	274	755	6.629	—
Maio	1.064	754	1.818	1.655	806	2.461	1.329	571	1.900	401	376	777	6.956	—
Junho	1.359	800	2.159	1.666	826	2.492	1.421	592	2.013	472	331	803	7.467	2.475
Julho	2.037	1.203	3.240	1.813	866	2.679	1.511	922	2.433	464	473	937	9.289	—
Agosto	1.718	1.018	2.736	601	550	1.151	1.197	994	2.191	614	540	1.154	7.232	—
Setembro *(a)*	1.706	1.073	2.779	—	—	—	1.266	964	2.230	343	599	942	5.951	—
Outubro	1.442	857	2.299	1.339	670	2.009	2.085	1.051	3.136	530	491	1.021	8.465	—
Novembro	1.141	959	2.100	1.629	624	2.253	2.231	945	3.176	452	291	743	8.272	—
Dezembro	1.257	901	2.158	1.494	473	1.967	1.750	824	2.574	521	187	708	7.407	—
Totais por leitura	16.086	10.350	—	14.861	6.705	—	18.749	9.225	—	5.356	4.151	—	—	—
Totais por Bibliotecas	26.436			21.566			27.974			9.507			85.483	2.475
Total geral	87.958													

(a) — A Biblioteca do 2.º Bairro encerrou durante o mês de Setembro para limpeza e beneficiação das espécies.

(b) — Estas caixas-bibliotecas funcionam nas sedes das seguintes Juntas de Freguesia: Belém, Ajuda, Santos-o-Velho, Graça, Monte Pedral, Olivais, Charneca, Ameixoeira, Lumiar, Carnide, Benfica e Penha de França.

Biblioteca

Obras e volumes consultados durante o ano

Meses	Poligrafia		Religiões		Literatura		Ciências e Artes		Ciências Civis		História e Geografia	
	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V
Janeiro	6	6	—	—	1.428	1.433	76	76	33	33	112	113
Fevereiro	14	14	—	—	1.033	1.036	54	56	24	24	110	110
Março	7	7	—	—	975	983	65	69	28	29	116	116
Abril	7	8	—	—	1.449	1.461	72	76	19	19	149	151
Maio	9	9	—	—	1.136	1.139	66	66	31	32	93	94
Junho	8	8	1	1	1.436	1.447	53	54	22	22	71	72
Julho	17	19	—	—	2.475	2.483	30	30	24	24	79	80
Agosto	11	13	—	—	2.037	2.045	40	43	29	29	90	96
Setembro	8	9	—	—	2.222	2.349	33	34	14	14	41	42
Outubro	28	38	1	1	1.409	1.548	58	77	7	8	30	30
Novembro	65	81	—	—	1.188	1.257	91	100	46	48	61	69
Dezembro	76	105	—	—	1.415	1.442	83	84	20	20	31	33
Soma	256	317	2	2	18.203	18.623	721	765	297	302	983	1.006

Movimento de leitores em 1936,

Meses	Comerciantes e Industriais		Estudantes		Funcionários Públicos	
	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite
Janeiro	12	1	927	449	36	44
Fevereiro	5	5	721	390	24	48
Março	3	3	751	388	27	37
Abril	2	4	1.105	518	43	34
Maio	4	2	857	494	36	46
Junho	4	2	1.166	498	21	46
Julho	3	5	1.841	762	27	46
Agosto	—	—	1.517	545	17	31
Setembro	1	3	1.465	540	34	36
Outubro	6	25	1.182	439	35	37
Novembro	4	25	879	549	22	53
Dezembro	6	28	1.001	538	33	25
Soma	50	98	13.412	6.110	355	483
Total	148		19.522		838	

Central

de 1936, na leitura diurna e nocturna

Reservados e Manuscritos		Ulissiponense		Municipal Nacional		Municipal Estranjeira		Revistas e Jornais		Total		Totais por leituras			
												Leitura diurna		Leitura nocturna	
O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V
—	—	—	—	—	—	—	—	804	304	2.459	2.465	1.482	1.484	977	981
—	—	—	—	—	—	—	—	798	798	2.033	2.038	1.233	1.233	800	305
—	—	1	1	—	—	—	—	761	761	1.953	1.966	1.207	1.213	746	753
—	—	7	7	—	—	—	—	851	851	2.554	2.573	1.623	1.635	931	938
—	—	1	1	—	—	—	—	865	865	2.201	2.206	1.265	1.269	936	937
—	—	—	—	—	—	—	—	1.027	1.027	2.618	2.631	1.637	1.642	981	989
—	—	—	—	—	—	—	—	1.388	1.388	4.013	4.024	2.600	2.609	1.413	1.415
—	—	—	—	—	—	—	—	1.077	1.077	3.284	3.303	2.078	2.081	1.206	1.222
—	—	—	—	—	—	—	—	1.118	1.159	3.436	3.607	2.131	2.265	1.305	1.342
—	—	—	—	1	1	—	—	1.115	1.151	2.649	2.854	1.650	1.769	999	1.085
—	—	—	—	—	—	—	—	1.001	1.001	2.452	2.556	1.320	1.362	1.132	1.194
—	—	—	—	—	—	—	—	956	956	2.581	2.640	1.483	1.512	1.098	1.128
—	—	9	9	1	1	—	—	11.761	11.838	32.233	32.863	19.709	20.074	12.524	12.789

distribuidos por profissões

Militares		Operários		Profissões liberais		Outras profissões		Totais	
Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite
11	27	33	98	75	21	60	119	1.154	759
23	21	42	45	65	22	57	113	937	644
25	19	30	62	71	14	41	76	948	599
21	10	31	86	69	27	52	104	1.323	783
23	9	39	68	64	20	41	115	1.064	754
31	18	41	121	48	19	48	96	1.359	800
29	34	34	209	52	26	51	121	2.037	1.203
10	48	78	183	44	39	52	172	1.718	1.018
3	22	101	172	15	41	87	259	1.706	1.073
20	31	65	88	25	7	109	230	1.442	857
27	34	78	86	29	21	102	191	1.141	959
27	40	50	92	17	17	123	166	1.257	901
250	313	622	1.310	574	274	823	1.762	16.086	10.350
563		1.932		848		2.588		26.436	

Biblioteca Municipal

Obras e volumes consultados durante o ano

Meses	Poligrafia		Religiões		Literatura		Ciências e Artes		Ciências Civis		História e Geografia	
	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V
Janeiro	31	31	—	—	1.029	1.029	86	86	—	—	100	100
Fevereiro	36	36	—	—	897	897	66	66	—	—	79	79
Março	30	30	—	—	1.159	1.159	93	93	—	—	88	88
Abril	27	27	—	—	1.241	1.241	81	81	—	—	70	70
Maio	56	56	—	—	1.673	1.673	117	117	—	—	96	96
Junho	42	42	—	—	1.730	1.730	71	71	—	—	48	48
Julho	29	29	—	—	2.105	2.105	62	62	—	—	51	51
Agosto	35	35	—	—	998	998	20	20	—	—	14	14
Setembro *(a)*	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Outubro	49	49	—	—	1.609	1.609	68	68	—	—	35	35
Novembro	55	55	—	—	1.681	1.681	111	111	—	—	124	124
Dezembro	81	81	—	—	1.386	1.386	111	111	—	—	116	116
Soma	471	471	—	—	15.508	15.508	886	886	—	—	821	821

(a) — Fechada.

Movimento de leitores em 1936,

Meses	Comerciantes e Industriais		Estudantes		Funcionários Públicos	
	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite
Janeiro	49	110	1.015	172	—	29
Fevereiro	46	73	931	166	1	27
Março	52	53	1.150	193	2	34
Abril	103	104	870	307	3	33
Maio	93	124	1.426	401	9	38
Junho	86	93	1.444	444	8	32
Julho	116	124	1.540	470	29	39
Agosto	80	87	424	304	38	50
Setembro *(a)*	—	—	—	—	—	—
Outubro	85	161	1.143	275	11	42
Novembro	77	155	1.393	268	11	44
Dezembro	65	75	1.328	249	5	44
Soma	852	1.159	12.662	3.249	117	412
Total	2.011		15.911		529	

(a) — Fechada.

do 2.º Bairro

de 1936, na leitura diurna e nocturna

Reservados e Manuscritos		Ulissiponense		Municipal Nacional		Municipal Estranjeira		Revistas e Jornais		Total		Totais por leituras			
												Leitura diurna		Leitura nocturna	
O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V
—	—	—	—	—	—	—	—	822	822	2.068	2.068	1.467	1.467	601	601
—	—	—	—	—	—	—	—	629	629	1.707	1.707	1.265	1.265	442	442
—	—	—	—	—	—	—	—	713	713	2.083	2.083	1.525	1.525	558	558
—	—	—	—	—	—	—	—	717	717	2.136	2.136	1.317	1.317	819	819
—	—	—	—	—	—	—	—	955	955	2.897	2.897	1.863	1.863	1.034	1.034
—	—	—	—	—	—	—	—	1.075	1.075	2.966	2.966	1.920	1.920	1.046	1.046
—	—	—	—	—	—	—	—	963	963	3.210	3.210	2.120	2.120	1.090	1.090
—	—	—	—	—	—	—	—	437	437	1.504	1.504	801	801	703	703
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	—	—	—	—	909	909	2.670	2.670	1.807	1.807	863	863
—	—	—	—	—	—	—	—	940	940	2.911	2.911	2.152	2.152	759	759
—	—	—	—	—	—	—	—	811	811	2.505	2.505	1.924	1.924	581	581
—	—	—	—	—	—	—	—	8.971	8.971	26.657	26.657	18.161	18.161	8.496	8.496

distribuidos por profissões

Militares		Operários		Profissões liberais		Outras profissões		Totais	
Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite
4	2	81	141	3	—	3	2	1.155	456
1	2	68	75	2	—	7	7	1.056	350
2	1	102	154	—	—	30	15	1.338	450
2	—	114	183	6	3	17	4	1.115	634
3	—	111	232	7	7	8	4	1.655	806
—	—	104	252	7	2	17	3	1.666	826
3	—	114	222	4	5	7	6	1.813	866
1	—	54	106	—	—	4	3	601	550
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
2	1	89	187	—	—	9	4	1.339	670
—	—	109	140	—	—	39	17	1.629	624
—	—	76	90	—	—	20	15	1.494	473
18	6	1.022	1.782	29	17	161	80	14.861	6.705
24		2.804		46		241		21.566	

Biblioteca Municipal

Obras e volumes consultados durante o ano

Meses	Poligrafia		Religiões		Literatura		Ciências e Artes		Ciências Civis		História e Geografia	
	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V
Janeiro	—	—	—	—	2.609	2.613	75	75	—	—	8	8
Fevereiro	—	—	1	1	1.912	1.919	40	44	1	1	1	1
Março	—	—	—	—	2.386	2.398	60	64	—	—	11	11
Abril	—	—	—	—	2.359	2.384	35	38	—	—	13	15
Maio	—	—	—	—	2.033	2.040	43	43	—	—	15	15
Janho	3	3	—	—	2.265	2.298	38	39	—	—	27	28
Julho	13	15	1	1	2.799	2.839	52	60	—	—	52	57
Agosto	—	—	—	—	2.270	2.309	50	50	—	—	45	53
Setembro	6	6	—	—	2.136	2.167	55	55	—	—	37	37
Outubro	14	14	10	10	3.131	3.195	56	56	—	—	87	87
Novembro	21	21	—	—	3.626	3.741	82	83	1	1	98	98
Dezembro	14	14	—	—	2.418	2.464	113	115	—	—	78	78
Soma	71	73	12	12	29.944	30.367	699	722	2	2	472	488

Movimento de leitores em 1936,

Meses	Comerciantes e Industriais		Estudantes		Funcionários Públicos	
	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite
Janeiro	35	99	1.331	338	4	4
Fevereiro	40	94	991	210	5	4
Março	42	62	1.456	274	16	2
Abril	62	60	1.251	299	15	13
Maio	42	121	1.090	240	12	10
Janho	28	60	1.228	342	6	2
Julho	9	26	1.225	471	7	3
Agosto	60	131	962	498	5	—
Setembro	51	216	998	421	3	3
Outubro	57	215	1.773	438	7	9
Novembro	34	117	2.021	453	1	3
Dezembro	43	130	1.452	366	2	16
Soma	503	1.331	15.818	4.350	83	69
Total	1.834		20.168		152	

de Alcântara

de 1936, na leitura diurna e nocturna

Reservados e Manuscritos		Ulissiponense		Municipal Nacional		Municipal Estranjeira		Revistas e Jornais		Total		Totais por leituras			
												Leitura diurna		Leitura nocturna	
O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V
—	—	—	—	—	—	—	—	2.520	2.520	5.212	5.216	3.693	3.694	1.519	1.522
—	—	—	—	—	—	—	—	1.840	1.840	3.795	3.806	2.718	2.726	1.077	1.080
—	—	—	—	—	—	—	—	2.032	2.032	4.489	4.505	3.333	3.348	1.156	1.157
—	—	—	—	—	—	—	—	1.826	1.826	4.233	4.263	3.052	3.070	1.181	1.193
—	—	—	—	—	—	—	—	2.064	2.064	4.155	4.162	2.927	2.931	1.228	1.231
—	—	—	—	1	1	—	—	2.128	2.128	4.462	4.497	3.213	3.239	1.249	1.258
—	—	—	—	—	—	—	—	3.260	3.260	6.177	6.232	4.117	4.149	2.060	2.083
—	—	—	—	—	—	—	—	3.236	3.236	5.601	5.648	3.471	3.495	2.130	2.153
—	—	—	—	—	—	—	—	4.196	4.196	6.430	6.461	4.099	4.118	2.331	2.343
—	—	—	—	—	—	—	—	4.805	4.805	8.103	8.167	5.676	5.723	2.427	2.444
—	—	—	—	—	—	—	—	5.083	5.083	8.911	9.027	6.727	6.828	2.184	2.199
—	—	—	—	—	—	—	—	4.481	4.481	7.104	7.152	4.988	5.026	2.116	2.126
—	—	—	—	1	1	—	—	37.471	37.471	68.672	69.136	48.014	48.347	20.658	20.789

distribuidos por profissões

Militares		Operários		Profissões liberais		Outras profissões		Totais	
Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite
1	3	205	296	4	—	—	—	1.620	740
2	1	167	213	7	1	—	—	1.212	523
—	7	140	204	4	—	—	—	1.658	549
7	2	127	176	7	—	—	—	1.469	550
19	6	166	194	—	—	—	—	1.329	571
2	—	121	154	—	—	36	34	1.421	592
9	6	102	220	—	1	159	195	1.511	922
2	5	89	232	—	—	79	128	1.197	994
—	—	119	227	—	—	95	97	1.266	964
6	—	140	274	—	—	102	115	2.085	1.051
1	—	110	282	—	—	64	90	2.231	945
5	23	188	197	—	—	60	92	1.750	824
54	53	1.674	2.669	22	2	595	751	18.749	9.225
107		4.343		24		1.346		27.974	

Biblioteca Municipal

Obras e volumes consultados durante o ano

Meses	Poligrafia		Religiões		Literatura		Ciências e Artes		Ciências Civis		História e Geografia	
	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V
Janeiro	—	—	—	—	340	587	50	73	38	53	76	107
Fevereiro	—	—	—	—	278	510	49	85	32	48	68	115
Março	—	—	—	—	259	485	48	88	37	58	74	138
Abril	—	—	—	—	362	690	77	148	64	107	101	182
Maio	—	—	—	—	366	672	79	145	65	110	112	191
Junho	—	—	—	—	411	745	87	155	58	90	100	166
Julho	—	—	—	—	525	879	93	169	60	92	112	186
Agosto	6	6	—	—	965	985	19	21	—	—	9	9
Setembro	—	—	—	—	807	814	7	7	—	—	26	26
Outubro	—	—	—	—	943	948	15	15	—	—	10	10
Novembro	—	—	—	—	684	686	5	5	—	—	8	8
Dezembro	—	—	—	—	633	659	3	3	5	5	10	10
Soma	6	6	—	—	6.593	8.660	532	914	359	563	706	1.148

Movimento de leitores em 1936,

Meses	Comerciantes e Industriais		Estudantes		Funcionários Públicos	
	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite
Janeiro	60	30	223	100	4	22
Fevereiro	62	34	175	90	10	16
Março	60	37	148	91	25	24
Abril	74	50	218	125	26	23
Maio	63	64	184	171	21	19
Junho	83	58	233	167	16	5
Julho	71	72	243	228	21	13
Agosto	1	2	504	271	9	7
Setembro	1	—	235	215	6	3
Outubro	—	—	414	163	3	4
Novembro	2	3	380	130	9	4
Dezembro	1	7	421	54	13	—
Soma	478	357	3.378	1.805	163	140
Total	835		5.183		303	

do Poço do Bispo

de 1936, na leitura diurna e nocturna

Reservados e Manuscritos		Ulissiponense		Municipal Nacional		Municipal Estranjeira		Revistas e Jornais		Total		Totais por leituras			
												Leitura diurna		Leitura nocturna	
O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V
—	—	—	—	—	—	—	—	106	154	610	974	411	675	199	299
—	—	—	—	—	—	—	—	106	178	533	936	348	614	185	322
—	—	—	—	—	—	—	—	106	187	524	956	319	575	205	381
—	—	—	—	—	—	—	—	151	274	755	1.401	481	888	274	513
—	—	—	—	—	—	—	—	155	275	777	1.393	401	717	376	676
—	—	—	—	—	—	—	—	147	256	803	1.412	472	835	331	577
—	—	—	—	—	—	—	—	222	331	1.012	1.657	510	824	502	833
—	—	—	—	—	—	—	—	886	887	1.885	1.908	1.023	1.028	862	880
—	—	—	—	—	—	—	—	486	496	1.326	1.343	526	537	800	806
—	—	—	—	—	—	—	—	548	548	1.516	1.521	831	834	685	687
—	—	—	—	—	—	—	—	657	657	1.354	1.356	918	920	436	436
—	—	17	17	—	—	—	—	828	828	1.516	1.522	1.176	1.179	340	343
—	—	17	17	—	—	—	—	4.398	5.071	12.611	16.379	7.416	9.626	5.195	6.753

distribuidos por profissões

Militares		Operários		Profissões liberais		Outras profissões		Totais	
Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite
—	—	48	25	37	14	39	8	411	199
—	—	40	18	34	12	27	15	348	185
—	—	39	22	27	16	20	15	319	205
—	—	63	33	54	24	46	19	481	274
—	—	55	51	40	39	38	32	401	376
—	—	60	45	46	31	34	25	472	331
—	—	59	61	32	46	38	53	464	473
2	25	46	111	—	—	52	124	614	540
—	34	53	230	—	—	48	117	343	599
—	5	62	223	—	—	51	96	530	491
—	—	32	95	—	—	29	59	452	291
—	—	25	93	—	1	61	32	521	187
2	64	582	1.007	270	183	483	595	5.356	4.151
66		1.589		453		1.078		9.507	

Bibliotecas Itinerantes

Leitores e obras consultadas de 25 de Outubro de 1935 a 31 de Dezembro de 1936, nas sedes das Juntas de Freguesia, onde funcionam caixas-bibliotecas:

Juntas de Freguesia	Leitores	Obras
Belém	185	405
Ajuda	606	685
Santos-o-Velho	473	540
Graça	90	118
Monte Pedral	38	160
Olivais	117	436
Charneca	179	339
Ameixoeira	85	132
Lumiar	602	610
Carnide	19	58
Benfica	16	16
Penha de França	65	287
Total	2.475	3.786

Resu

Obras e volumes consultados

Bibliotecas	Poligrafia		Religiões		Literatura		Ciências e Artes		Ciências Civis		História e Geografia	
	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V
Central	256	317	2	2	18.203	18.623	721	765	297	302	983	1.006
2.º Bairro	471	471	—	—	15.508	15.508	886	886	—	—	821	821
Alcântara	71	73	12	12	29.994	30.367	699	722	2	2	472	488
Poço do Bispo	6	6	—	—	6.593	8.660	532	914	359	563	706	1.148
Bibliotecas Fixas	804	867	14	14	70.298	73.158	2.838	3.287	658	867	2.982	3.463
Bibliotecas Itinerantes	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Total geral	804	867	14	14	70.298	73.158	2.838	3.287	658	867	2.982	3.463

Movimento de leitores em 1936,

Bibliotecas	Comerciantes e Industriais		Estudantes		Funcionários Públicos	
	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite
Central	50	98	13.412	6.110	355	483
2.º Bairro	852	1.159	12.662	3.249	117	412
Alcântara	503	1.331	15.818	4.350	83	69
Poço do Bispo	478	357	3.378	1.805	163	140
Bibliotecas Fixas	1.883	2.945	45.270	15.514	18	1.104
Bibliotecas Itinerantes	—	—	—	—	—	—
Total	4.828		60.784		1.882	

mos

durante o ano de 1936

Reservados e Manuscritos		Ulissiponense		Municipal Nacional		Municipal Estranjeira		Revistas e Jornais		Total		Totais por leituras			
												Leitura diurna		Leitura noctarna	
O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V	O	V
—	—	9	9	1	1	—	—	11.761	11.838	32.233	32.863	19.709	20.074	12.524	12.789
—	—	—	—	—	—	—	—	8.971	8.971	26.657	26.657	18.161	18.161	8.496	8.496
—	—	—	—	1	1	—	—	37.471	37.471	68.672	60.136	48.014	48.347	20.658	20.789
—	—	17	17	—	—	—	—	4.398	5.071	12.611	16.379	7.416	9.626	5.195	6.753
—	—	26	26	2	2	—	—	62.601	63.351	140.173	145.035	93.300	96.208	46.873	48.827
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3.786	3.786	—	—	—	—
—	—	26	26	2	2	—	—	62.601	63.351	143.959	148.821	—	—	—	—

distribuidos por profissões

Militares		Operários		Profissões liberais		Outras profissões		Totais	
Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite	Dia	Noite
250	313	622	1.310	574	274	823	1.762	16.086	10.350
18	6	1.022	1.782	29	17	161	80	14.861	6.705
54	53	1.674	2.669	22	2	595	751	18.749	9.225
2	64	582	1.007	270	183	483	595	5.356	4.151
324	436	3.900	6.768	895	476	2.062	3.188	55.052	30.431
								85.483	
—	—	—	—	—	—	—	—	2.475	
760		10.668		1.371		5.250		87.958	

MAPA COMPARATIVO DE LEITORES DE 1931 A 1936

Bibliotecas	1931	1932	1933	1934	1935	1936
Fixas .. Central *(a)*	85	382	2.213	13.698	18.917	26.436
Fixas .. 2.º Bairro *(b)*	3.994	5.616	4.846	14.654	20.148	21.566
Fixas .. Alcântara *(c)*	—	—	3.460	16.615	20.500	27.974
Fixas .. Poço do Bispo *(d)*	—	—	—	5.526	13.045	9.507
Itinerantes *(e)*	—	—	—	—	—	2.475
Total	4.079	5.998	10.519	50.493	72.610	87.958

(a) — Aberta ao público, com leitura diurna, em 27 de Junho de 1931, e com leitura nocturna, em 3 de Julho de 1933.

(b) — Funciona com leitura nocturna desde 5 de Fevereiro de 1934.

(c) — Aberta ao público, com leitura diurna e nocturna, em 31 de Julho de 1933.

(d) — Aberta ao público, com leitura diurna e nocturna, em 18 de Outubro de 1934.

(e) — Começaram a funcionar em 25 de Outubro de 1935, sendo distribuídas doze caixas-bibliotecas pelas sedes de outras tantas Juntas de Freguesia.

Registo Bibliográfico

Movimento de espécies em 1936

Volumes existentes em 31 de Dezembro de 1935		74.133
Volumes entrados em 1936:		
Depósito Legal, compras e ofertas:		
Janeiro	354	
Fevereiro	138	
Março	137	
Abril	123	
Maio	167	
Junho	200	
Julho	109	
Agosto	103	
Setembro	70	
Outubro	59	
Novembro	833	
Dezembro	70	2.363
Existência em 31 de Dezembro de 1936		76.496

Biblioteca Municipal Central

Manuscritos

COMPRA

1 — Livro da Fundação do Convento de N.ª S.ª dos Remédios de Carmelitas Descalços.

1 — Livro das Visitações da Igreja de S. Tiágo.

1 — Inventário dos bens da Irmandade dos Pescadores e Navegantes.

1 — Sur la Nature des Caux des Puits de Lisbonne.

1 — Documentos originais relativos ao Monumento dos Restauradores.

Museus Municipais de Lisboa

Museu Municipal de Azulejos e Faianças de Lisboa (Palácio Galveias)

Espécies entradas por ofertas, compra e encorporações, durante o ano de 1936

Ofertas — Do Ex.mo Sr. Eduardo Portugal:

Fotografia de um azulejo existente no Bairro do Castelo.

Fotografia de um azulejo existente na Graça.

Fotografia de um azulejo existente na Rua de S. Felipe Neri.

Encorporações:

Diploma de honra de sócio honorário, conferido à Câmara Municipal de Lisboa pelo Sporting Clube de Portugal.

Compras:

2 — Cães de faiança, da Fábrica do Rato.

1 — Terrina de faiança, da Fábrica do Rato.

1 — Banco de jardim de faiança, em fórma de barril, produto duma fábrica de Lisboa.

1 — Depósito de lavabo de faiança, da Fábrica do Rato.

1 — Travessa de faiança, da Fábrica do Rato.

1 — Bacia de barba, policromada, de faiança, fabrico de Lisboa.

1 — Travessa com azas, de faiança, fabrico de Lisboa.

1 — Terrina de faiança, em fórma de pata, da Fábrica do Rato,

1 — Terrina de faiança, fabrico de Lisboa.

1 — Prato de faiança, com paisagens e grinaldas, fabrico de Lisboa.

1 — Prato de faiança, com paisagens e flôres, fabrico de Lisboa.

1 — Prato de faiança, com duas rosas e cercadura, fabrico de Lisboa.

2 — Floreiras de faiança, da Fábrica do Rato.

1 — Bacia para água às mãos, de faiança, decorada a azul, canelada, da Fábrica do Rato, marcada.

1 — Neptuno de faiança branca, da Fábrica do Rato.

2 — Gomís de faiança.

1 — Quadro a óleo «Casas na Rua de Santa Cruz do Castelo», de Lisboa.

3 — Quadros n.os 2, 6 e 24, da Exposição «Attila Mendly».

1 — Abbildûng wie die Königin von Brofs Britanien zu Portsmouth an gelangt ist, den 25 Maij Anno 1662. — Abbildûng wie die Statt London den König und Königin/von Sampton Court komend narche: Whithall auf dem fluss Thames begleitethat. 23 Aug. 1662. Gravura com duas vistas.

1 — Aibeelding der Stad Lissabon. Gravura colorida setecentista, vista panorâmica de Lisboa.

1 — Ankunfft der Portugesichen Braut/ zu Lissabon. Gravura do primeiro quartel do século XVIII, consagrada à chegada a Lisboa da rainha D. Maria Ana de Austria, com uma vista panorâmica de Lisboa.

1 — Aqueduct of Alcantara (Aguas Livres). Gravura inglêsa do primeiro quartel do século XIX, a côres.

1 — Aquédac d'Alcantara. Gravura a côres do primeiro quartel do século XIX, anónima.

1 — Bröchtiger Dûechûg der Königin Catharina von Grafs Britanien, so geschehen in Lisabona, den 20 April A°. 1662. Gravura seiscentista representando dois assuntos da partida para Inglaterra da Princesa D. Catarina, filha de D. João IV.

1 — Aqueducto das Águas Livres. Gravura de 1792. Planta inglesa do Aqueducto das Águas Livres.

1 — Colecção / de Algumas ruinas de Lisboa causadas pelo / terremoto e pelo fogo, do primeiro de Nov.º de 1755. 6 gravuras, edição de 1757.

1 — The Embarkation Of Gen.l Junot after the Convention of Cintra at Quai Sodre. Gravura publicada em Janeiro de 1813.

1 — Fotografia de um quadro existente na Academia Nacional de Belas Artes em Lisboa. Vista panorâmica de Lisboa quinhenta-seiscentista, abrangendo grande parte do Tejo.

1 — Fotografia «Câmara Municipal de Lisboa — 1774 a 1873».

1 — Gravura a água-forte e a buril em chapa de metal, representando o Marquês de Pombal e outras personalidades (os arquitectos?) examinando o plano da reedificação de Lisboa depois do terremoto de 1755.

1 — Gravura, representando, além de outros motivos alegóricos e duma pequena vista de Lisboa, D. Afonso Henriques vestido de guerreiro.

1 — Juramento do N. Rey D. Affonso Henriques sómente o que / / pertence ao ermitão. Gravura com dois trechos do 1.º Rei de Portugal.

1 — Lisabona — Lisabon — Gravura italiana setecentista, colorida. Vista panorâmica de Lisboa.

1 — Lisabona magnificentissima Regia Sedes Portugalliae et florentis simum Emporium. Gravura alemã quinhentista, de diversos assuntos sôbre Lisboa.

1 — Lisboa — Vista geral de Lisboa. Gravura inglesa quinhentista.

1 — Lisboa — Vista panorâmica de Lisboa da primeira metade do século XVI.

1 — Lisboa — Cascais — Gravura quinhentista representando duas vistas panorâmicas de Lisboa e Cascais.

1 — Lisbona — Gravura holandeza seiscentista, com uma vista panorâmica de Lisboa quinhentista.

1 — Lisbona — Gravura holandeza seiscentista, com uma vista panorâmica de Lisboa.

1 — Lisbona — Gravura alemã quinhentista, com uma vista fantasiosa de Lisboa abrangendo o Tejo.

1 — Lissabon — Gravura holandeza setecentista, com uma vista panorâmica de Lisboa em meados do século XVII

1 — Lissabon — Gravura de meados do século XVIII, com uma vista panorâmica de Lisboa.

1 — Olissippo — Lisabona — Gravura seiscentista com uma planta — vista panorâmica de Lisboa.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Movimento e espécies entradas por ofertas e legados, durante o ano de 1936

Ofertas

Dos Herdeiros do Dr. Jacinto de Magalhães (D. Maria Brandão de Melo Magalhães — Condes Cabral):

«Jarra Falstaff». Exemplar único. Decoração-relêvo. Faiança policromada. Assinada e datada, Julho 1894.

Do Grupo dos Amigos-Defensores do Museu Rafael Bordalo Pinheiro:

Fosforeira «Barriga». Peça rara. Faiança policromada. Assinada. Fabrico recente.

Gravura do retrato de Rafael Bordalo Pinheiro por John Sargent.

Do Dr. Alfredo da Cunha:

Retrato a carvão de Rafael Bordalo Pinheiro, (cópia de fotografia), assinado A. Lacerda, 1905.

Do Ex.mo Sr. Alvaro Neves:

Gaia das Caldas.

O volume «O Barro através dos séculos», de Augusto Joltrois, trasladado por F. Guimarães Fonseca.

Vários recortes de jornais.

Do Ex.mo Sr. Gustavo Santos:

Um exemplar da «Carta Régia», 1872, fôlha solta.

Do Ex.mo Sr. Jorge dos Reis Boaventura:

Duas provas de gravura em madeira de dois quadros de Manuel Maria Bordalo Pinheiro.

Duas provas de gravura em madeira de desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro; Guilherme de Azevedo e Conferência Serpa Pinto.

Uma prova de gravura em madeira «Uma tourada de fidalgos à antiga portuguesa».

Cabeçalho do jornal *O Noventa e Três.*

Bilhete postal, edição Renascença-Porto, retrato de Rafael Bordalo Pinheiro por António Carneiro.

Um exemplar do número único «Italia-Recordações».

Um exemplar do suplemento da Ilustração de Mariano Pina «A Quermesse da Tapada».

Um exemplar com a capa em máu estado do número único «Lisboa-Porto».

Do Ex.mo Sr. Joaquim Leitão:

«O poço que ri», um exemplar dos 12 da edição especial em papel de linho, — conferência de Joaquim Leitão.

Idem, edição vulgar.

«O Capuz de Miguel Angelo», discurso de Joaquim Leitão.

«Azas em Terra», discurso de Joaquim Leitão.

«A mulher e os livros», discurso de Joaquim Leitão.

Do Ex.mo Sr. António José Torres de Carvalho:

Exemplar truncado de um número de «La Illustracion Española y Americana».

Do Ex.mo Sr. Luiz Leitão:

Exemplar n.º 11-1 do «Noticias de Ourem», de 16 de Agosto de 1936.

Do Ex.mo Sr. Manuel Cardoso Marta:

Vários recortes de jornais.

Do Ex.mo Sr. Francisco Valença:

Prova de gravura da primeira página do «Sempre Fixe», de 25 de Novembro de 1936.

Da Ex.ma Sr.a D. Julieta Ferrão:

«Cartas de Camilo ao editor Matos Moreira com uma notícia por Júlio Dias da Costa», Lisboa, 1928.

«A vida de José do Telhado», por Rafael Augusto de Sousa, (na capa de brochura uma gravura de Rafael Bordalo Pinheiro).

«D. Carlos, o Desventuroso — Notas íntimas», por Joaquim Leitão.

Treze fotografias de aspectos interiores da Exposição Internacional de Paris, de 1889.

Legados

Do Ex.mo Sr. Alexandre Duarte Correia:

Indumentária completa que Alexandre Duarte Correia, o Alexandre *Zé Povinho*, usava na quadra carnavalesca.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Movimento de Receita

Ano de 1936

Meses	Visitantes	Rendimento
Janeiro	89	89$00
Fevereiro	53	53$00
Março	71	71$00
Abril	85	85$00
Maio	92	92$00
Junho	71	71$00
Julho	58	58$00
Agosto	74	74$00
Setembro *(a)*	—	-$-
Outubro	94	94$00
Novembro *(b)*	386	66$00
Dezembro	953	-$-
Total	2.026	753$00

Rendimento total:

Visitantes	753$00
Treze catálogos	65$00
Total	818$00

(a) — Encerrado para limpeza e beneficiação das espécies.

(b) — De 21 de Novembro a 31 de Dezembro as entradas foram gratuitas.

ÍNDICE

Ano VI — N.º 19

Págs.

Palácio do Pátio do Saldanha 5
Homenagem a Mousinho 9
O Poço que ri 18
O Museu Rafael Bordalo Pinheiro em 1935 34

ESTAMPAS:

Capa (Anverso): — Trecho de Painel de Azulejo reproduzindo a Iluminura do Regimento de D. Manuel aos Vereadores e Oficiais da Câmara de Lisboa (1502) — *Fábrica Constância — Cartão do prof. Leopoldo Battistini — Ornatos de Viriato Silva — Fotografia do Ex.mo Sr. Comandante António José Martins.*

Ano VI — N.º 20

Págs.

José da Costa e Silva 37
Ramalho Ortigão e o Marquês de Pombal 49
Exposição de Cerâmica Ulissiponense 58
Harmonia Latina 67
Pasquins afixados nas ruas de Lisboa em 1817, contra o Marechal Beresford 89

ESTAMPAS:

Retrato de José da Costa e Silva — Carta régia, *nomeando José da Costa e Silva, professor de Arquitectura-Civil* — Diplomas, *conferidos a José da Costa e Silva* — Peças de cerâmica e Painéis de azulejo, *que figuraram na Exposição de Cerâmica Ulissiponense* — Sagramor, *Quadro de L. Battistini* — Salomé, *triptico a pastel, de L. Battistini* — Grupo de professores da Escola Industrial Brotero, Coimbra — Díptico (estilo românico) alusivo ao Foral de D. Afonso Henriques, *por L. Battistini.*

Capa (Anverso): — Trecho de Painel de Azulejo reproduzindo a Iluminura do Regimento de D. Manuel aos Vereadores e Oficiais da Câmara de Lisboa (1502) — *Fábrica Constância — Cartão do prof. Leopoldo Battistini — Ornatos de Viriato Silva — Fotografia do Ex.mo Sr. Comandante António José Martins.*

Ano VI — N.º 21

Págs.

Tomada de Lisboa 95
Aforamento feito pelo Mosteiro de Belém, da Cidade de Lisboa, em 1519 105
Gama Barros 109
Uma carta de Bartolozzi 115
Breviário de Carreira 124
Exposição Comemorativa do 1.º Centenário do Nascimento de José Duarte Ramalho Ortigão, no Museu Rafael Bordalo Pinheiro 143
Dados Estatísticos 151
Museus Municipais de Lisboa 165

ESTAMPAS:

Uma página de uma carta de F. Bartolozzi — Primeira e última página da Escritura de aforamento feita em 1519, pelo Mosteiro de Belém, de Lisboa.

Capa (Anverso): — Trecho de Painel de Azulejo reproduzindo a Iluminura do Regimento de D. Manuel aos Vereadores e Oficiais da Câmara de Lisboa (1502) — *Fábrica Constância — Cartão do prof. Leopoldo Battistini — Ornatos de Viriato Silva — Fotografia do Ex.mo Sr. Comandante António José Martins.*

SUMÁRIO

TEXTO:

Tomada de Lisboa, por Quirino da Fonseca — Aforamento feito pelo Mosteiro de Belém, da Cidade de Lisboa, em 1519, por Artur da Mota Alves — Gama Barros, por Queiroz Veloso — Uma carta de Bartolozzi, por Artur da Mota Alves — Breviário de Carreira, por Joaquim Leitão. — Exposição Comemorativa do 1.º Centenário do Nascimento de José Duarte Ramalho Ortigão, no Museu Rafael Bordalo Pinheiro — Museus Municipais de Lisboa — Museu Rafael Bordalo Pinheiro — Dados Estatísticos.

GRAVURAS:

Uma página de uma carta de F. Bartolozzi — Primeira e última página da Escritura de aforamento feita em 1519, pelo Mosteiro de Belém, de Lisboa.

Capa (Anverso): — Trecho de Painel de Azulejo reproduzindo a Iluminura do Regimento de D. Manuel aos Vereadores e Oficiais da Câmara de Lisboa (1502) — *Fábrica Constância — Cartão do prof. Leopoldo Battistini — Ornatos de Viriato Silva — Fotografia do Ex.mo Sr. Comandante António José Martins.*

Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais

Ano I — (N.os 1 e 2 — 182 págs.)
De Junho a Dezembro de 1931 — **Esc. 10$00**

Ano II — N.os 3 e 4 — (97 págs).
De Janeiro a Junho de 1932 — **Esc. 10$00**

Ano II — (N.º 5 — 25 págs.)
De Julho a Setembro de 1932 — **Esc. 7$00**

Ano II — (N.º 6 — 48 págs.)
De Outubro a Dezembro de 1932 — **Esc. 7$00**

Ano III — (N.os 7 a 10 — 76 págs.)
De Janeiro a Dezembro de 1933 — **Esc. 25$00**

Ano IV — (N.º 11 — 36 págs.)
De Janeiro a Março de 1934 — **Esc. 7$00**

Ano IV — (N.º 12 — 32 págs.)
De Abril a Junho de 1934 — **Esc. 7$00**

Ano IV — (N.º 13 — 37 págs.)
De Julho a Setembro de 1934 — **Esc. 7$00**

Ano IV — (N.º 14 — 78 págs.)
De Outubro a Dezembro de 1934 — **Esc. 7$00**

Ano V — (N.º 15 — 29 págs.)
De Janeiro a Março de 1935 — **Esc. 7$00**

Ano V — (N.º 16 — 38 págs.)
De Abril a Junho de 1935 — **Esc. 7$00**

Ano V — (N.º 17 — 34 págs.)
De Julho a Setembro de 1935 — **Esc. 7$00**

Ano V — (N.º 18 — 75 págs.)
De Outubro a Dezembro de 1935 — **Esc. 7$00**

Ano VI — (N.º 19 — 36 págs)
De Janeiro a Março de 1936 — **Esc. 7$00**

Ano VI — (N.º 20 — 55 págs.)
De Abril a Setembro de 1936 — **Esc. 10$00**

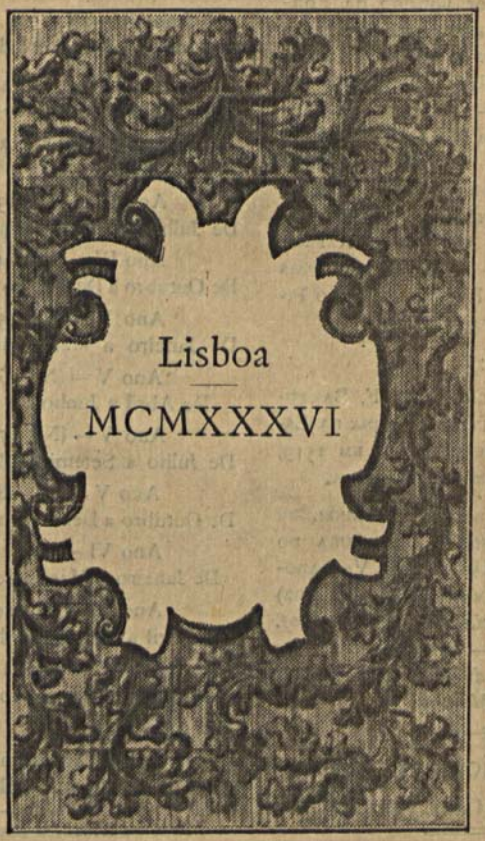
Ano VI — N.º 21 — 76 págs.)
De Outubro a Dezembro de 1936 — **Esc. 7$00**

Por assinatura:

Preço de cada número — **Esc. 7$00**
Um ano — **Esc. 25$00**

Sousa Martins — *In Memoriam* — **Esc. 40$00**

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS:
Livraria Rodrigues & C.ª
RUA DO OURO, 188 — LISBOA


Lisboa
MCMXXXVI